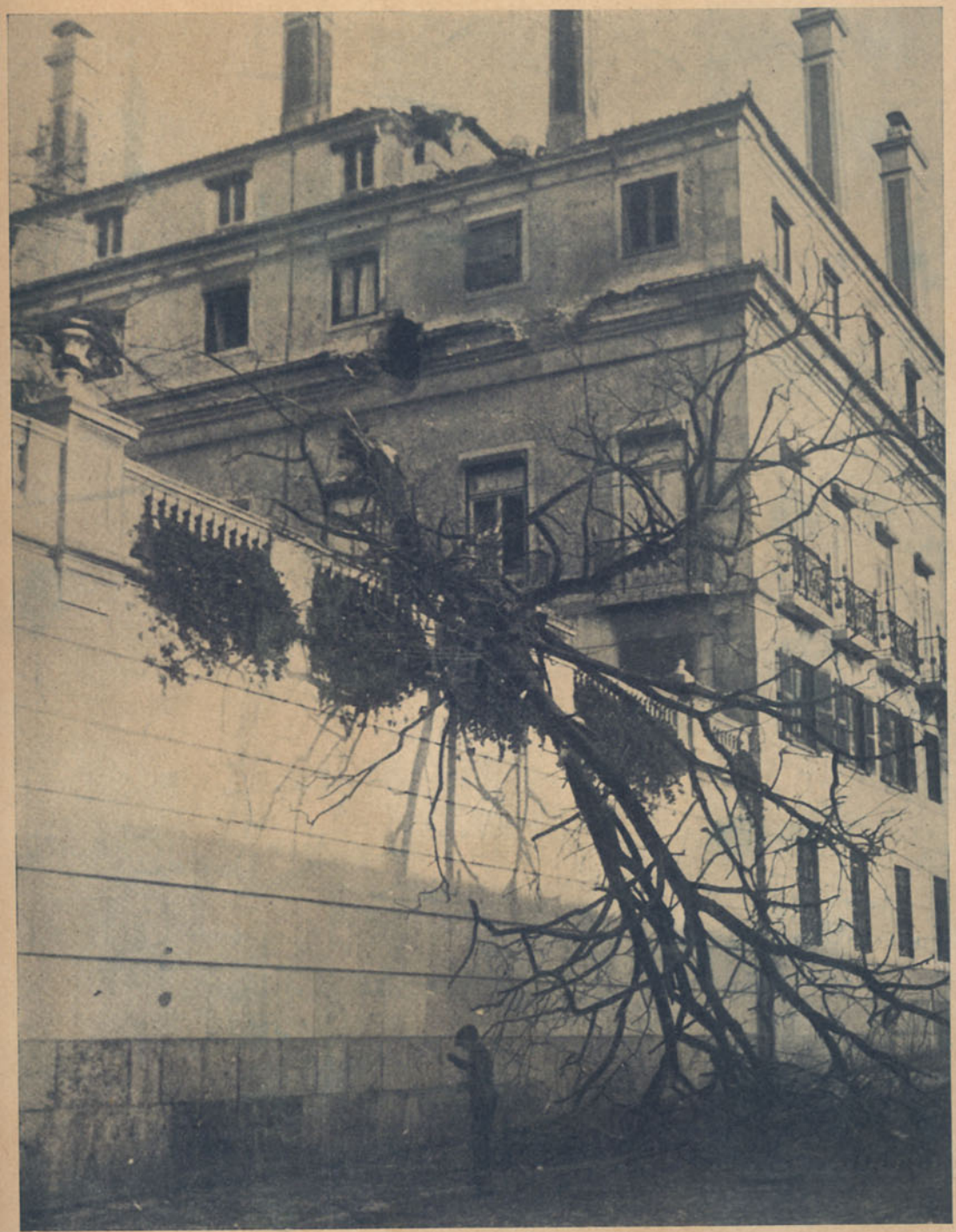
ILUSTRAÇÃO



2.º ANO
NUMERO 28

Lisboa 16 de Fevereiro de 1927

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4$00

VERAMON

Se sofre de dôres é porque o quer.

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coracão. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

SCHERING · SCHERING

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39

20 Cigarros por 6$50

DE RESZKE
Virginias

Apesar de não custarem mais do que qualquer outro cigarro bom, V. Ex.ª terá orgulho em fumar e oferecer a vossos amigos êstes DE RESZKE VIRGINIA.

Terá orgulho porque o fabricante se orgulha do seu fabrico. A folha do Tabaco Virginia, de bela qualidade, o papel fino, a ponta de Marfim — tudo tão cuidadosamente embalado em caixinhas engraçadas.

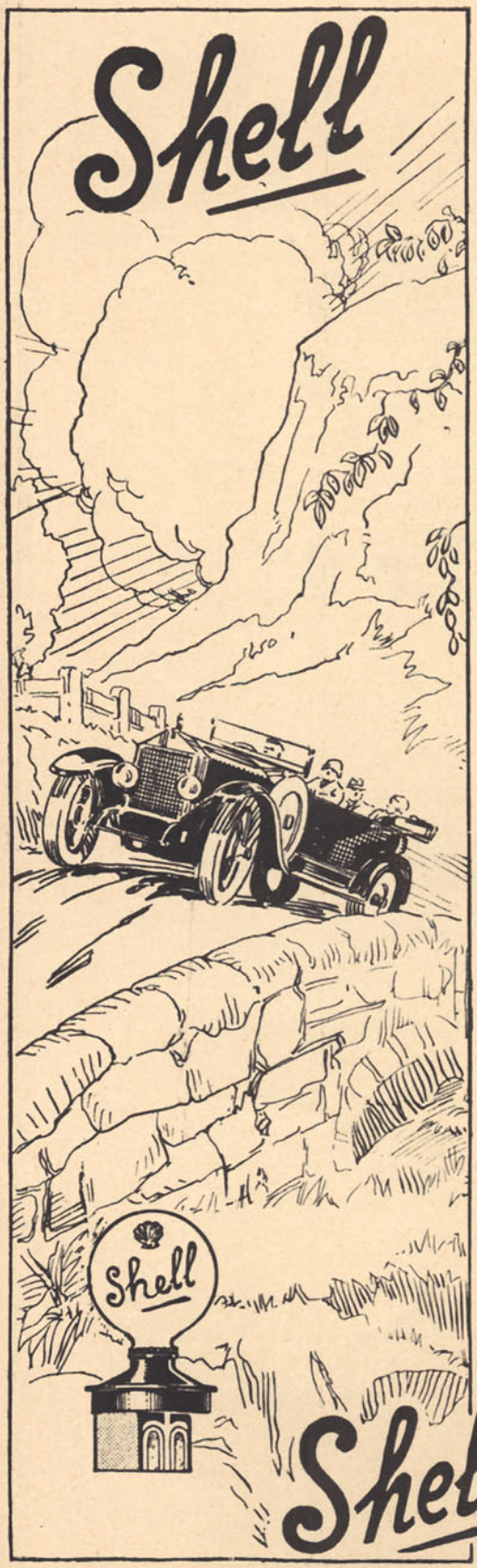
Orgulhamo-nos tambem do nome DE RESZKE, cujo nome é a garantia que êstes cigarros conservarão sempre a sua alta qualidade.

Vá hoje mesmo comprar em qualquer tabacaria uma caixinha DE RESZKE VIRGINIA — Esc. 6$50 por 20 ou Esc. 15$00 por 50.

Outros cigarros DE RESZKE são DE RESZKE «TURK» a Esc. 6$50 por 20 cigarros. DE RESZKE «TENOR» 25 cigarros por Esc. 18$00, 50 por Esc. 35$00 e 100 por Esc. 68$00.

H. MITCHELL L.DA
LISBOA

M.E CRORIE & PEIXOTO
PORTO



Uma só qualidade a Melhor

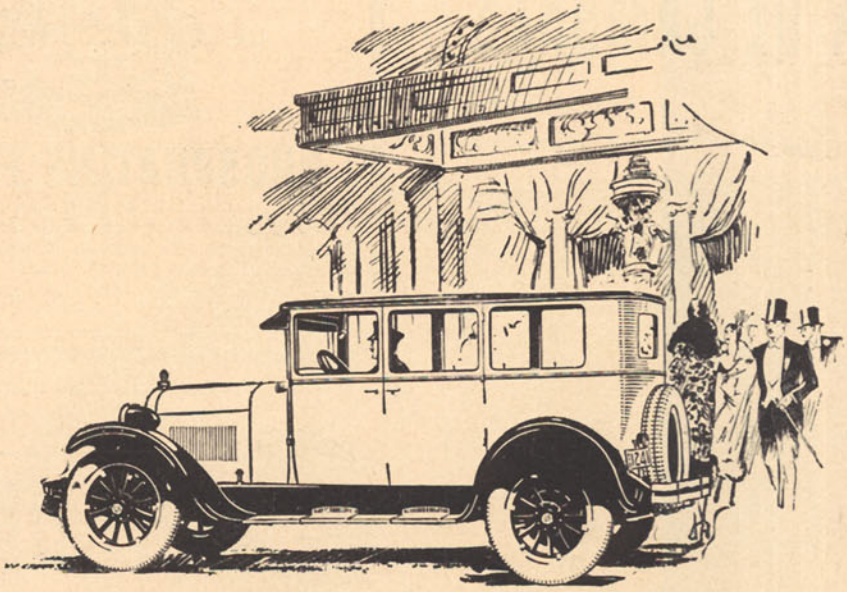
A uniformidade da Gazolina da **SHELL** evita o terdes de constantemente regular o carburador do vosso carro.

Automobilistas segui o exemplo dos peritos e exigi sempre **SHELL.**

GAZOLINA E OLEOS...

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º

RUA DO CRUCIFIXO, 49 — LISBOA



O Cumulo da Perfeição—

Luxo e Utilidade

O sedan de Luxo Dodge Brothers representa, tanto sob o ponto de vista de aparencia como de preço, o equilibrio completo do luxo e utilidade.

É excepcionalmente espaçoso e cómodo, distinguindo-se pelas linhas airosas do seu contorno e soberbo traçado de construção, que fazem o orgulho do seu possuidor, e a sua marcha é símbolo em todo o mundo do que há de melhor em mão de obra.

O sedan De Luxo prestará com cuidado razoável serviço perfeitamente satisfatorio por muitos anos. O percurso total de que é capaz excede freqùentemente uma centena de milhares de milhas ou cento e sessenta mil quilómetros.

O elevado preço de revenda de que é susceptivel, reflecte, brilhantemente, o mérito e o valor inerentes dêste esplêndido automóvel Dodge Brothers.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA
1, Avenida da Liberdade

PORTO
21, Avenida dos Aliados

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

A AGUA DE CAMBRES

Medidas radioactivas por 10 litros (anualmente registadas pelo professor Leplerre):

Emanação em milimicrocuries	336,1
SAES DE RADIO, dissolvido	— 8
Grama de radio elemento	44,10

Acalma,
gentil,
Uma alma,
almas mil,
Sim, descança!

dá saúde
e virtude!

Como alcança:
alacridade,
mocidade,
beleza,
rijeza
e esperança?...
Só com a radioactividade.

Aguas de Cambres — Radio dissolvido

Portelo de Cambres — Douro — Casa da Corredoura

(ARREDORES DE LAMEGO)

Perfeito de Magalhães

Estação do Caminho de Ferro — **REGOA**

DEPÓSITO EM LISBOA:

DAVITA LIMITADA

R. Eugenio dos Santos, 81, 1.º

DEPÓSITO NO PORTO:

J. Pinheiro da Silva & C.ª

R. das Flores, 124

Depósitos por todo o País. Aceitam-se para o Ultramar e Estrangeiro

A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradavel e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crescidão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C.ie), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

PETROLEO

M. d. F.

HAHN

PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 24$00 FRASCO PEQUENO 17$00

VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: *J. DELIGANT, L.da*

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

O 2.º numero do

Magazine Bertrand

Encontra-se já á venda em todas as livrarias, tabacarias e em casa de todos os agentes e correspondentes das

LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anonima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1893

SERVIÇO DE SAÚDE

CONCURSO PARA AJUDANTE DE FARMACIA

Perante o Serviço de Saúde desta Companhia, está aberto, por 30 dias, a contar da data deste annuncio, o concurso documental do logar de ajudante de farmácia com o vencimento fixo de Esc. 180$00 mensais e subvenção temporária de Esc. 456$00 mensais, e as regalias inerentes á sua categoria como funcionario da Companhia.

Os candidatos deverão apresentar documentos authenticos da sua idoneidade profissional e moral e quaisquer outros comprovativos das suas habilitações literarias ou scientificas e dos logares que tenham desempenhado; certidão de idade que prove ter mais de 21 annos e menos de 40; certificado do registo criminal e documento comprovativo de terem satisfeito ás leis do recrutamento militar.

A nomeação será tornada definitiva, findos seis mezes de serviço efectivo, com boas informações.

Todos os outros esclarecimentos que os candidatos desejem obter serão prestados na sede do Serviço de Saúde, em Santa Apolonia, todos os dias uteis, das 10 ás 17 horas.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1927. — Pelo Director Geral da Companhia, o Engenheiro Sub-Director, *Lima Henriques*.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA EMPRÊSA
DO ANUARIO COMERCIAL
P. dos Restauradores, 24-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR TÉCNICO:
FELICIANO SANTOS

ANO 2.º — NÚMERO 28

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE FEVEREIRO DE 1927

A REVOLUÇÃO EM LISBOA — *Aspecto do prédio da esquina das ruas S. Filipe Nery e Alexandre Herculano, que durante três dias foi batido por artilharia e metralhadoras*

NA CAPA — Um aspecto dos jardins e do palácio Palmela, na Rua da Escola Politécnica, atingidos por numerosas granadas

DIAS DE ANGÚSTIA

De 3 a 9 dêste Fevereiro, tão luminoso e dôce, que vai correndo, Portugal viveu as piores, as mais sobressaltadas e angustiadas horas dos últimos agitados anos da sua vida de nacionalidade várias vezes secular.

Nas duas principais cidades, Lisboa e Porto, combateram rijamente, durante uma longa semana, portugueses contra portugueses. Noutros pontos, como Figueira da Foz, Amarante, Tavira e Faro, por momentos a luta sacudiu a quietação da vida local e bem se pode dizer que não houve em todo o país aldeia onde a sorte dum filho, dum marido ou dum irmão não fizesse vibrar de angústia um coração português.

Em 3 do corrente, soube-se em Lisboa—primeiro pelo circular de boatos vagos, depois pela confirmação dos jornais—que no Porto eclodira um movimento revolucionário. Incerteza, espectativa, informes imprecisos.

Em Gaia concentram-se tropas governamentais, apoiadas pela artilharia da Serra do Pilar. As fôrças revoltosas recebem o refôrço da artilharia de Amarante e entre a guarnição revoltosa, ocupando a praça da Batalha, o Seminário e outros pontos estratégicos e as tropas fiéis, que dominavam as eminências que rodeiam a cidade, estabelece-se um duelo em que o Porto sofreu danos graves em vidas e haveres.

Durante quási seis dias, a população do Porto viveu sob as rajadas das metralhadoras dos dois campos em luta e sob o trágico docel da metralha das mil e quinhentas granadas que a artilharia fiel despejou sôbre os redutos revolucionários. Ao pavor da morte, assim largamente espalhada, vem juntar-se o receio da fome, que já se manifesta como uma possibilidade muito próxima. Depois duma proposta de rendição, por parte dos revoltosos, a luta prossegue mais encarniçada, até que, estrangulada a cidade por um apêrto maior do cêrco, vem a desistência, a rendição dos revoltosos, na madrugada de 8, pôr têrmo à tremenda angústia da população portuense. Ruinas, lágrimas, luto. Respira-se, volta-se à vida e a multidão que enche as ruas, pasmando ante os destroços, caminha inadvertida sôbre o sangue de irmãos, de que as pedras se revestiram e que a terra não bebeu.

* * *

Entretanto, já nas ruas de Lisboa se lutava também, desde as 10 horas da manhã de segunda feira, 7. Fôrças de marinha, guarda republicana, polícia e civis armados, espalham-se pela cidade, tentam cercar e desalojar as fôrças fiéis ao govêrno, que se encontravam na Rotunda e trazer para a revolução as que se encontravam nos quartéis. É nas proximidades do alto da Avenida da Liberdade que mais densas são as fôrças revolucionárias, desde a Praça do Brasil à rua do Mundo. A artilharia fiel e as metralhadoras que estão com o govêrno batem as posições dos revoltosos. Mais uma vez Lisboa, a cidade mártir das revoluções, sente sôbre os telhados o assobiar sinistro das granadas. Ao fim dêsse primeiro dia de luta já há mortes e escombros, já os hospitais se enchem de feridos. Durante mais dois dias ainda, a luta prossegue, violenta, cerrada, sem que à população, fechada nas casas, seja possível vislumbrar a esperança do seu têrmo. Como no Porto, a artilharia governamental procura poupar os edifícios e as vidas da população inerme. Os revoltosos, sem artilharia, confiam nas bombas de que os civis estão municiados. De noite, a artilharia cala o som rouco da sua ameaça, mas continuamente as metralhadoras de ambos os campos sobressaltam o sono inquieto da população. Vive-se em permanente angústia, dentro das casas onde a revolução nos mantém encerrados. Em cada momento pode chegar a granada sibilante e arrazadora ou a bala perdida, que parece dotada duma maldade inteligente, correndo as casas em busca dum coração onde alojar-se.

Finalmente, depois dum tiroteio violento, na tarde de quarta feira, faz-se um silêncio largo e quási lúgubre. A nossa anciedade mais se sobressalta ainda. Que novo e duro embate se prepara? Mas, não. Foi a rendição pura e simples dos revoltosos. Uma calma pesada, como um sono de cansaço, cai sôbre a cidade, onde apenas, de espaço a espaço, uma metralhadora desconfiada rega a treva das ruas com o seu jacto de morte.

Ao alvorecer do dia seguinte, a cidade vem respirar para as ruas. Quantas ruínas, quanto sangue derramado! E nos olhos que contemplam as trincheiras desfeitas e as paredes crivadas, através da tristeza que lhes vela a alegria da libertação do pesadelo horrível, lê-se claramente um desejo de paz, daquela paz de que todo o Portugal anda sedento.

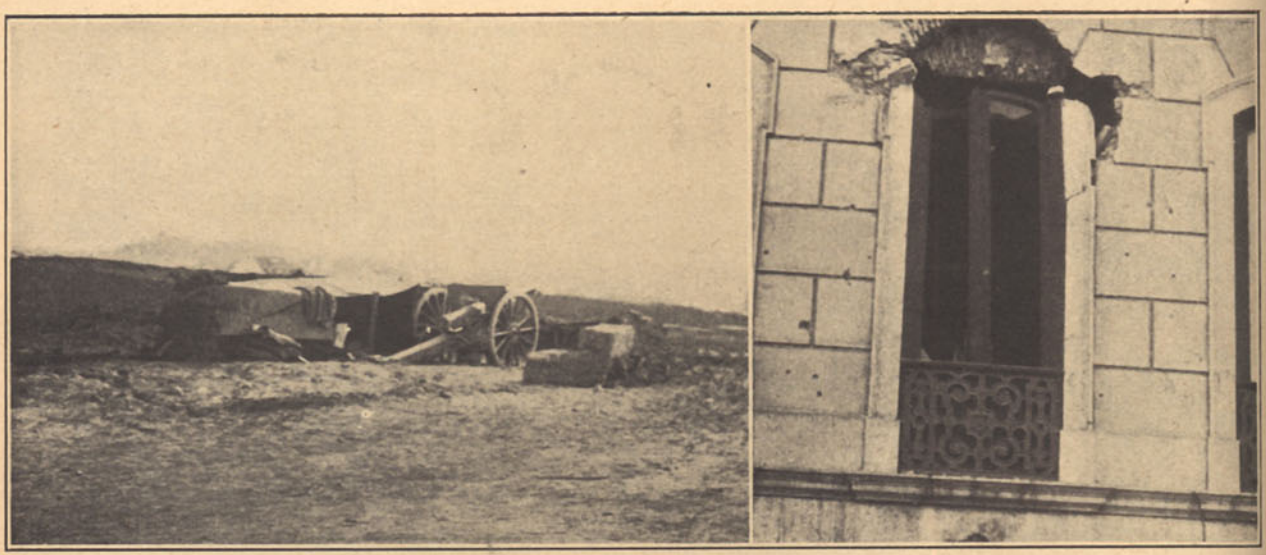
POR MOTIVO DOS ACONTECIMENTOS OCORRIDOS EM LISBOA, QUE OBRIGARAM À PARALIZAÇÃO COMPLETA AS OFICINAS DE GRAVURA, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, O PRESENTE NÚMERO DA «ILUSTRAÇÃO» É PUBLICADO COM O ATRAZO DE ALGUNS DIAS, ESPERANDO ESTA REVISTA NORMALIZAR A SUA PUBLICAÇÃO JÁ NO PRÓXIMO NÚMERO. PELO MESMO MOTIVO NÃO INSERIMOS EM «HORS-TEXTE» A HABITUAL TRICROMIA.

A REVOLUÇÃO EM LISBOA

Uma das unidades com que o govêrno contou sempre, para a repressão de qualquer movimento revolucionário, foi o Grupo de Metralhadoras, aquartelado em Campolide, sob o comando do capitão, sr. Jaime Baptista, individualidade em destaque nos meios militares pelas suas qualidades de bravura e de oficial disciplinador. A acção dos oficiais, comandante e praças do grupo de Metralhadoras de Campolide, na repressão do movimento revolucionário de Lisboa, foi das de maior importância. As nossas gravuras representam: *No medalhão:* o capitão, sr. Jaime Baptista, à porta do quartel de Campolide, onde está aloiada a unidade do seu comando. — *Ao centro:* Tropas fiéis ao govêrno acampadas na parada do quartel de metralhadoras de Campolide. — *Em baixo:* Os primeiros reforços de tropas fiéis ao govêrno, que desembarcaram em Entre-Campos, dirigindo-se para os locais de combate

A REVOLUÇÃO EM LISBOA

Aspecto do Rocio, na manhã do dia 7 de Fevereiro, quando do início do movimento revolucionário, num momento de debandada da multidão que, pacíficamente, ia atravessando aquela praça, a caminho das suas ocupações



Na Rotunda, uma das peças de 7,5, da artelharia das tropas governamentais, das que mais intenso fogo fizeram sôbre os vários pontos ocupados pelos revoltosos. — Efeitos duma granada na janela do palacete da sr.ª D. Aurora de Macêdo, em S. Pedro d'Alcantara

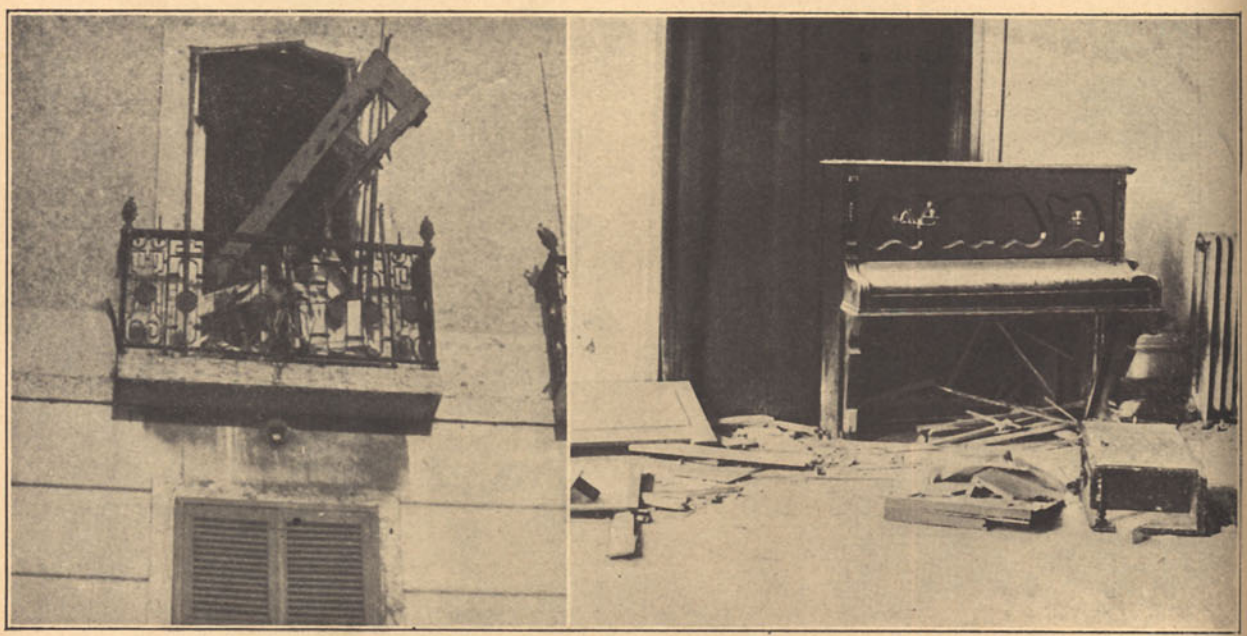
A REVOLUÇÃO EM LISBOA

Mirante dos jardins do palácio Palmela, por cima do chafariz da Praça do Brasil, atingido pela artilharia do govêrno.

Obús ligeiro, que fez fogo sôbre as posições dos revoltosos e cujos projéteis, na regulação do tiro, atingiram o palácio Palmela.

A REVOLUÇÃO EM LISBOA

Efeitos das granadas e das metralhadoras no prédio que faz esquina da Rua da Escola Politécnica para a Praça do Brasil

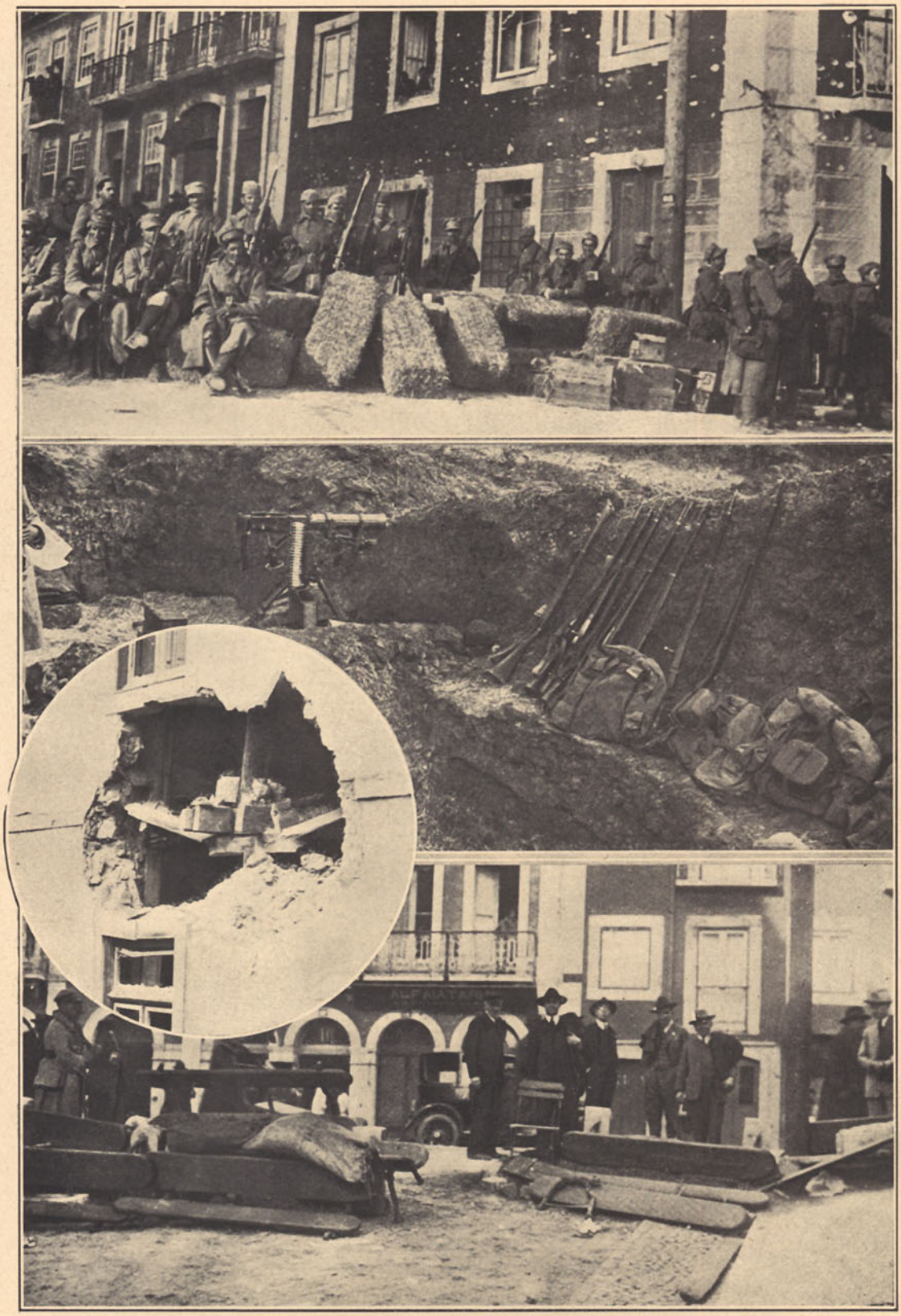


Janela do palácio Palmela, por onde entrou uma granada. — Sala do Hotel Bristol, quartel general dos revoltosos, em S. Pedro de Alcântara, destruída pelas granadas das tropas fiéis

A REVOLUÇÃO EM LISBOA

Janela dum prédio da rua do «Mundo» atingida pela artilharia. — Um dos prédios da rua da Escola Politécnica, em frente do largo de S. Mamede que foi dos que mais duramente experimentaram a violência do tiroteio travado naquele local

A REVOLUÇÃO EM LISBOA



Barricada das fôrças fiéis na Calçada da Fábrica da Louça, sôbre a praça do Brasil. — Metralhadoras, espingardas, equipamentos e munições abandonados pelos revoltosos nas proximidades da Rua S. Filipe Nery. — Barricada dos revoltosos ao alto da Rua Cecílio de Sousa (antiga rua da Procissão), defendendo a Rua da Escola Politécnica. — *No medalhão:* estragos produzidos por um obús num prédio da Travessa da Queimada

A REVOLUÇÃO EM LISBOA

Entrincheiramento dos revoltosos, no alto da rua do «Seculo», enfrentando esta rua e a Praça do Rio de Janeiro.—*Em baixo:* à esquerda, janela do Hotel Bristol, primeiro quartel general dos revoltosos, correspondendo ao quarto em que esteve encerrado o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, ministro dos Estrangeiros, que os revoltosos prenderam; à direita, efeitos duma granada na janela do prédio em que faleceu o célebre bibliógrafo, Inocencio Francisco da Silva, sito na rua de S. Filipe Nery

A REVOLUÇÃO EM LISBOA

Em cima: Prédio da Praça do Brasil, batido pelas metralhadoras fiéis durante os três dias de luta. — *Em baixo* Parte posterior dum prédio da rua Rodrigo da Fonseca atingido por numerosas granadas

A REVOLUÇÃO EM LISBOA

Em cima: O 1.º tenente, sr. Agatão Lança, comandando os marinheiros revoltosos.— *Em baixo:* As praças da marinha, em frente do Palácio do Congresso, a caminho das posições que ocuparam durante a revolta. — *No medalhão:* Condução dum ferido

A REVOLUÇÃO EM LISBOA

Na rua da Escola Politécnica: Uma peça de marinha, única artilharia dos revoltosos

Em S. Pedro d'Alcantara: soldados da Guarda Republicana, nos postos avançados, de defesa do quartel general dos revoltosos, quando instalado no Hotel Bristol

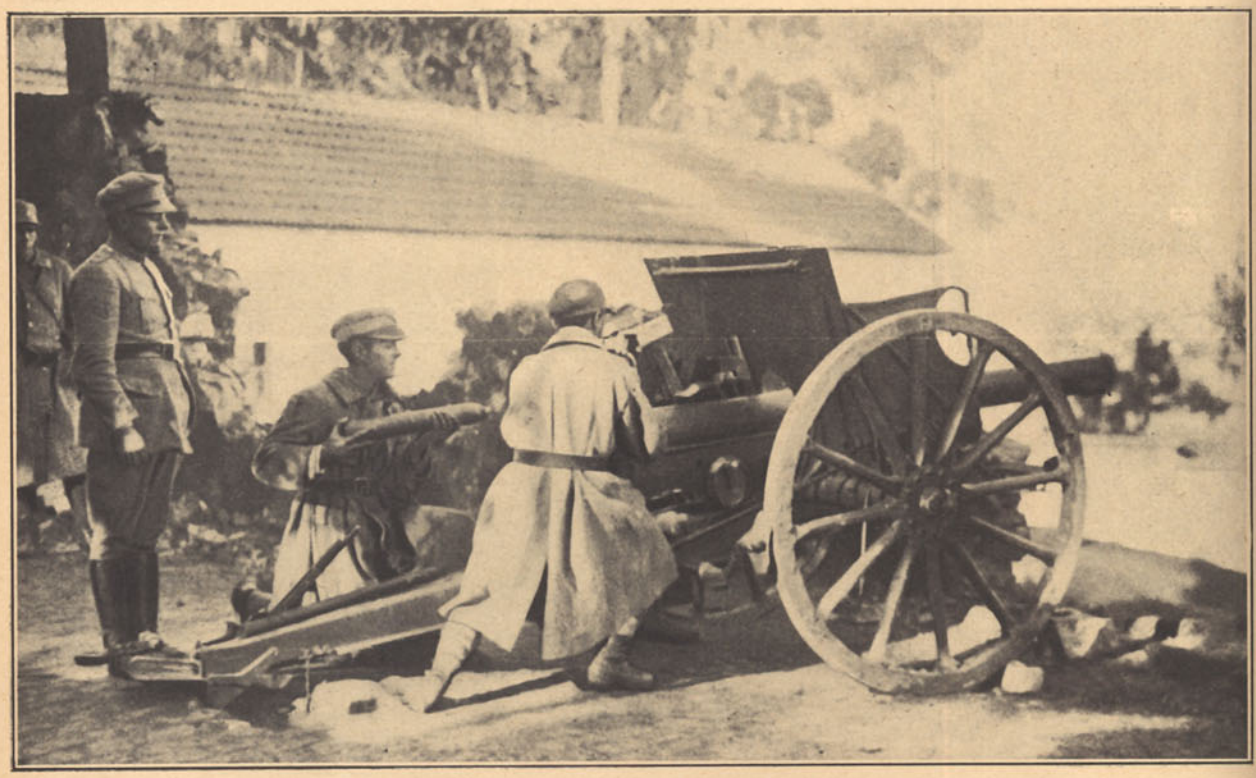
A REVOLUÇÃO EM LISBOA

Alguns oficiais e praças do batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro, que tomaram parte na defeza do seu quartel

A multidão vendo os estragos produzidos pela revolução na Praça do Brasil e Rua da Escola Politécnica. À esquerda o palácio Palmela
(Clichés de Lisboa: Serra Ribeiro)

A REVOLUÇÃO NO PORTO

Vista parcial do Porto. A linha tracejada indica a zona da cidade que foi mais batida pelo fogo das tropas fiéis



Uma peça de 7,5, da artilharia governamental, no Monte da Virgem, fazendo fogo sôbre os redutos dos revoltosos

A REVOLUÇÃO NO PORTO

Aspecto da cozinha da casa do sr. Guilherme Campos Junior, no Corpo da Guarda, que foi atingida por dez granadas, tendo ficado destruidos todos os compartimentos do prédio

O dr. José Domingues dos Santos, chefe politico, conversando com um oficial revoltoso, no primeiro dia da revolução.

Trincheira de sacos de areia, no cruzamento da Praça da Batalha, Rua 31 de Janeiro e Rua de Santa Catarina, que ficou conhecida por «Trincheira da Morte»

A REVOLUÇÃO NO PORTO

O sr. ministro da Guerra, rodeado por oficiais das fôrças fiéis, na estação de Aveiro, quando se dirigia para o Porto, a assumir o comando das operações contra os revoltosos

No oval: artilharia das fôrças governamentais, no Monte da Virgem. — *À direita:* uma metralhadora dos revoltosos, no alto da Rua 31 de Janeiro, defendendo a Rua de Santa Catarina

Trincheira das fôrças revoltosas, em frente do Teatro S. João, onde estava instalado o seu quartel general. — Outra trincheira, na Rua de Santo Ildefonso

A REVOLUÇÃO NO PORTO

Durante um armisticio, pedido pelas fôrças revoltosas, foram recebidos no quartel general das tropas governamentais delegados daquelas fôrças, que vinham tratar da rendição. Não se tendo chegado a acôrdo, a luta prosseguiu. As nossas gravuras representam: *Em cima*, os delegados dos revoltosos, major sr. Severino e o capitão-tenente, sr. dr. Jaime de Morais, de olhos vendados, a caminho do quartel general das fôrças do govêrno em Gaia: *Em baixo*, depois da rendição, armas e munições dos revoltosos, guardadas no *hall* do Teatro S. João

Revoltosos prisioneiros, a caminho dos quartéis

Depois da rendição; a população do Porto, vendo os estragos

(Clichés do Porto: André Moura)

Vêr, na página 24, as condições e prémios do nosso concurso do romance

O MUNDO PERDIDO

cuja publicação se iniciará no próximo número

A ELEGÂNCIA NO LAR

ALMOFADAS

As almofadas são hoje importante elemento decorativo. Nenhum salão afirmará a precisa nota de confôrto moderno, de elegância delicada, vagamente voluptuosa, tal como a moda hodierna recomenda, se as almofadas não se espalharem, por dezenas, numa negligência sàbiamente estudada, por sôbre sofás, divans, *maples*, e ainda pelo chão, junto dos móveis, no limiar das janelas e das portas.

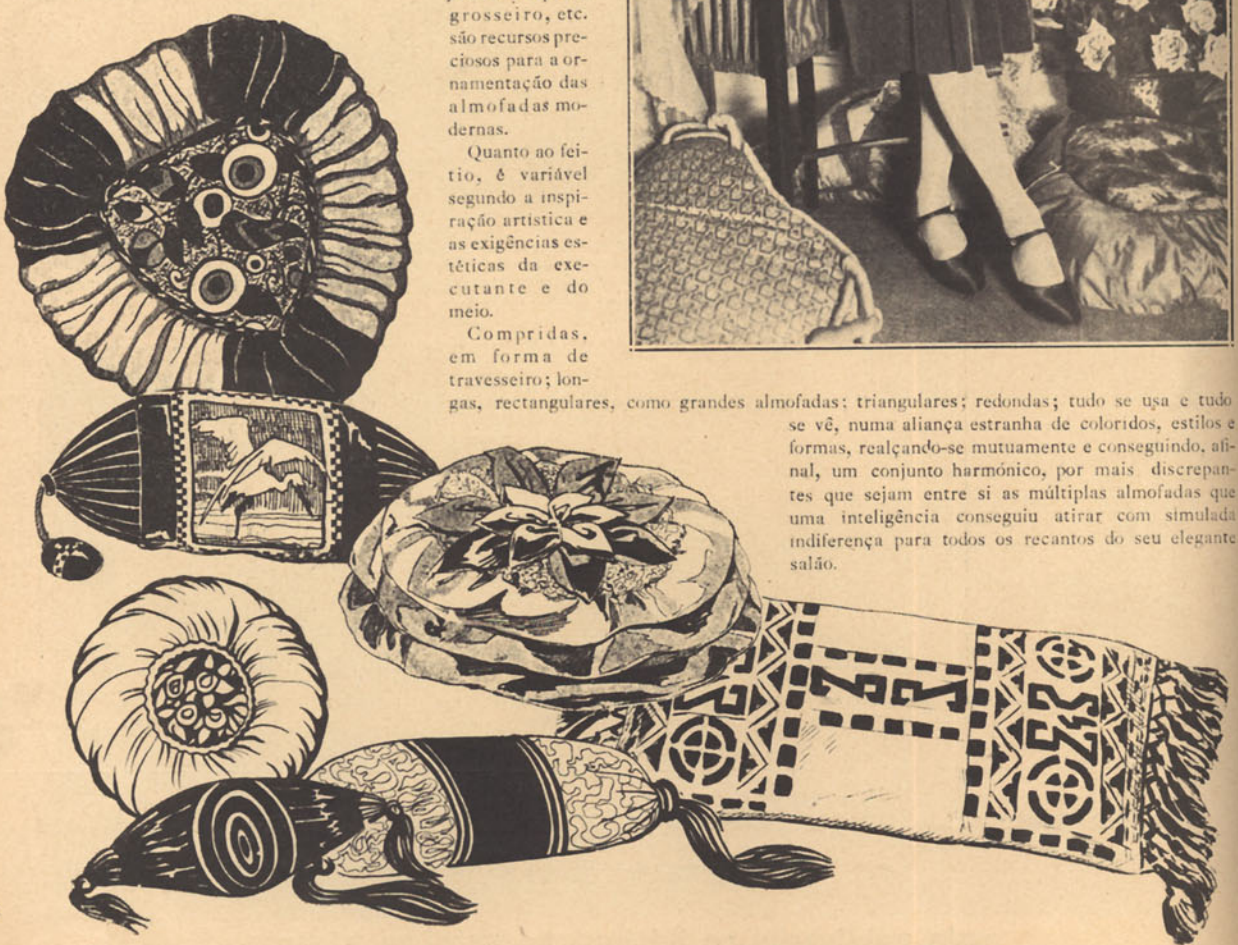
Tanto basta para que a mulher se aplique a imaginar almofadas tão originais e artísticas quanto lho permita a fertilidade do seu espírito inventivo, sempre insatisfeito de beleza.

As formas mais inesperadas, as fantasias mais extravagantes — sem concurso do mau gôsto, é claro, — todos os géneros de bordados, aplicações, incrustações, pintura, desenho, etc., tudo isso perpassa ante os nossos olhos encantados, ao longo de tôdas as casas onde pontifica uma inteligência delicada de mulher que procura criar na sua casa um ambiente de arte, confôrto e delicado efeito estético.

Dentre todos os géneros de trabalho adoptados para decoração de almofadas, o que actualmente está um pouco abandonado é o bordado a matiz. Exceptuando pois êste bordado, todos os restantes géneros de decoração agradam desde que ofereçam um pouco de novidade. Os bustos de damas antigas emergindo de enfolhados e amplos balões — que formam as almofadas para o chão; — as cabeças de *pierrots* e *pierrettes*, odaliscas, etc., espreitando no centro de fartos folhos de fitas de côres, plissadas, franzidas, ou *ruchées;* as aplicações ou desenhos em estilo cubista, os desenhos persas, egípcios, os *crochets* grossos os *filets* de aspecto grosseiro, etc. são recursos preciosos para a ornamentação das almofadas modernas.

Quanto ao feitio, é variável segundo a inspiração artística e as exigências estéticas da executante e do meio.

Compridas, em forma de travesseiro; longas, rectangulares, como grandes almofadas: triangulares; redondas; tudo se usa e tudo se vê, numa aliança estranha de coloridos, estilos e formas, realçando-se mutuamente e conseguindo, afinal, um conjunto harmónico, por mais discrepantes que sejam entre si as múltiplas almofadas que uma inteligência conseguiu atirar com simulada indiferença para todos os recantos do seu elegante salão.

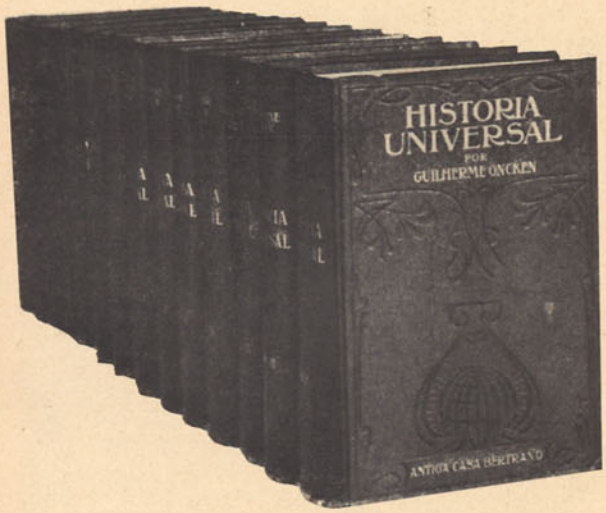


SOCIEDADE ELEGANTE

Num dos últimos dias de janeiro findo, a sr.ª D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich e seu marido, sr. dr. Rui Enes Ulrich, ofereceram, no palacete da sua residência, um baile a numerosas pessoas das suas relações, para apresentação, na sociedade, da sua gentil filha. Da distinta assistência a êsse brilhante e notável acontecimento mundano arquivamos nestas páginas dois interessantes aspectos.

O NOSSO CONCURSO

EM QUE CONSISTE



História Universal, de Guilherme Oncken,
1.º prêmio do nosso concurso

Durante a publicação do romance

"O MUNDO PERDIDO"

obra de mais alto interêsse, algumas palavras serão substituidas no texto por cruzetas (+ + + + +) em número igual ao das letras que substituem. Trata-se de reconstituir, pelo sentido da frase a palavra substituida.

Essas palavras, juntas, formarão dois provérbios dos mais conhecidos e usuais.

Exemplo: Os + + + + +, êsses formosos animais domésticos, quando chega a + + + + + apresentam fosforescentes os olhos que + + dia são + + + + + + e sem grande expressão. Entre + + + + + os animais domésticos + + + êles + + únicos que possuem a faculdade de vêr nas trevas.

Temos pois: Os *gatos*, êsses formosos animais domésticos, quando chega a *noite* apresentam fosforescentes os olhos que *de* dia são *pardos* e sem grande expressão. Entre *todos* os animais domésticos, *são* êles *os* únicos que possuem a faculdade de vêr nas trevas.

Palavras reconstituidas pelo sentido: *gatos, noite, de, pardos, todos, são* e *os*.

Colocadas na devida ordem, dão o conhecido provérbio: «*De noite todos os gatos são pardos*».

Simples e intuitivo.

IMPORTANTE: No texto do romance, as palavras a reconstituir não sairão pela ordem que ocupam na frase que devem formar.

COMO SE CONCORRE

Em cada número da «ILUSTRAÇÃO», durante a publicação do romance

"O MUNDO PERDIDO"

será publicado um *coupon* numerado, que acompanhará o boletim do concorrente, que publicaremos com o último *coupon*.

Os prémios não serão sorteados, mas atribuidos aos concorrentes que indicarem o número mais aproximado de soluções certas que lhes pareça ou palpite que devem ser-nos enviadas.

Exemplo: foram-nos enviadas 8325 soluções. O concorrente A. indica, como seu palpite: 8360 soluções, o concorrente B. indica 8300 e o concorrente C. 8250. Os prémios seriam atribuidos: 1.º a B. (8325 — 25) 2.º a A. (8325 + 35). 3.º a C. (8325 — 75).

PRAZO DE ENTREGA

Para que os nossos assinantes e leitores da África, Ásia e América, possam concorrer, o prazo de entrega dos boletins do concurso, será de

3 MESES

contados da publicação do número em que termina a publicação do romance

"O MUNDO PERDIDO"

▪ ▪ ▪

OS PRÉMIOS

1.º PRÉMIO

História Universal de Guilherme Oncken, em 20 vols. (16 publicados e 4 em publicação) encadernação de luxo.

2.º PRÉMIO

Colecção de Teófilo Braga.

3.os PRÉMIOS

a) Obras completas de Alexandre Herculano:
20 vols., encadernação em carneira.
b) Edição monumental dos *Lusiadas.*
c) Edição monumental das *Pupilas do Sr. Reitor.*
d) 70 Vols. de Camilo (ed. da Parceria A. M. Pereira).

4.os PRÉMIOS

2 Colecções de Eça de Queirós.

5.os PRÉMIOS

2 Colecções *Lusitânia* (40 vols.)

6.os PRÉMIOS

2 Colecções Antero de Figueiredo.
2 » Aquilino Ribeiro.
2 » Dicionários de Cândido de Figueiredo.
2 » Dicionários de Domingos de Azevedo.

Mais 50 prémios de 100$00 em obras escolhidas nos catálogos das livrarias Aillaud e Bertrand.

Mais 40 prémios de 50$00, idem, idem.

Valor total 15.000$00.

A CASA PORTUGUESA

CASA DO SR. DR. CUSTÓDIO CABEÇA

LISBOA

Nesta casa domina a nota de distinção que caracteriza alguns interiores do século XVIII. Aprecia-se aqui o valor decorativo das portas envidraçadas e das pinturas a fresco

A sala de jantar tem frisos azuis sôbre fundo levemente assalmoado

A côr dos fundos é também dada a fresco nas paredes e por vezes lembra, pela macieza baça da superfície, a pele de camurça

Arquitecto-decorador: R. L.

A VOGA DOS CHALES

Os chales, abandonando a clausura dos grandes gavetões, jazida das cousas votadas ao silêncio, desertando do tablado, trono de ouropéis e ficções, fêz entrada sensacional nos altos domínios da moda onde a verdadeira e requintada elegância impera.

E ei-los de novo, em áureo apogeu de interêsse, escolhidos para as ostentações luxuosas, acarinhados pelos mais solícitos cuidados femininos, ocupando o primeiro plano na ábside maravilhosa do *chic* e da opulência.

Os chales são hoje, como em remotos tempos, o complemento obrigado de uma irrepreensível toilette de cerimónia, baile, teatro, ou jantar.

Embora os luxuosos ***manteaux*** continuem gosando das boas graças da moda, é indiscutível que os chales, os magníficos chales da India, ou de Manila, antigos ou modernos, autênticos ou imitados, lhes fazem perigosa concorrência no tocante a saídas de teatro e de escadarias, para resguardo de uma corrente de ar importuna passeando ao longo de um magnífico salão mundano.

É que o chale, usado com inteligente graça, permite interessantes atitudes plásticas, completa, muito melhor do que o ***manteaux*** lançado à pressa sôbre uns ombros arripiados, a harmonia leve do conjunto da toilette, casando admirávelmente a policromia dos bordados e o ondular voluptuoso das franjas com a leveza dos tules, das ***mousselines*** e das ***perlages*** scintilantes.

Por isso, passaram os chales ousadamente, dos vestíbulos para o interior dos salões, a moda, resolveu cuidá-los com maior atenção e aplicar ao seu embelezamento, ao desdobramento da fantasia que os caracteriza, todo o seu caprichoso engenho.

É assim se nos deparam nos escrínios luxuosos da alta elegância, nas vitrines reservadas da grande moda, essas maravilhas de gôsto, de arte, fascinantes para os olhos, ruinosos para os orçamentos de indumentária hesitantes, que são os chales modernamente em voga.

Desde que sejam vistosos, ricos de côres e bordados, orlados de fartas e longas franjas, todos os chales são bem vistos pela moda do momento. E neste gênero, confessaremos que a indústria moderna, recorrendo a prodigiosos esforços de imaginativa, pondo em movimento tôdas as agulhas, habilíssimas e laboriosas intérpretes de espírito criador de belezas e opulências que as impele por entre a macieza dos tecidos, conseguiu apresentar chales formosíssimos. Mas são tão caros... tão pouco acessíveis a quem não tenha a fortuna ao lado, a sancionar, indulgente e fácil, os caprichos de luxo e da elegância que ruflam sem cessar no cérebro do tôdas as fervorosas sacerdotisas da moda!...

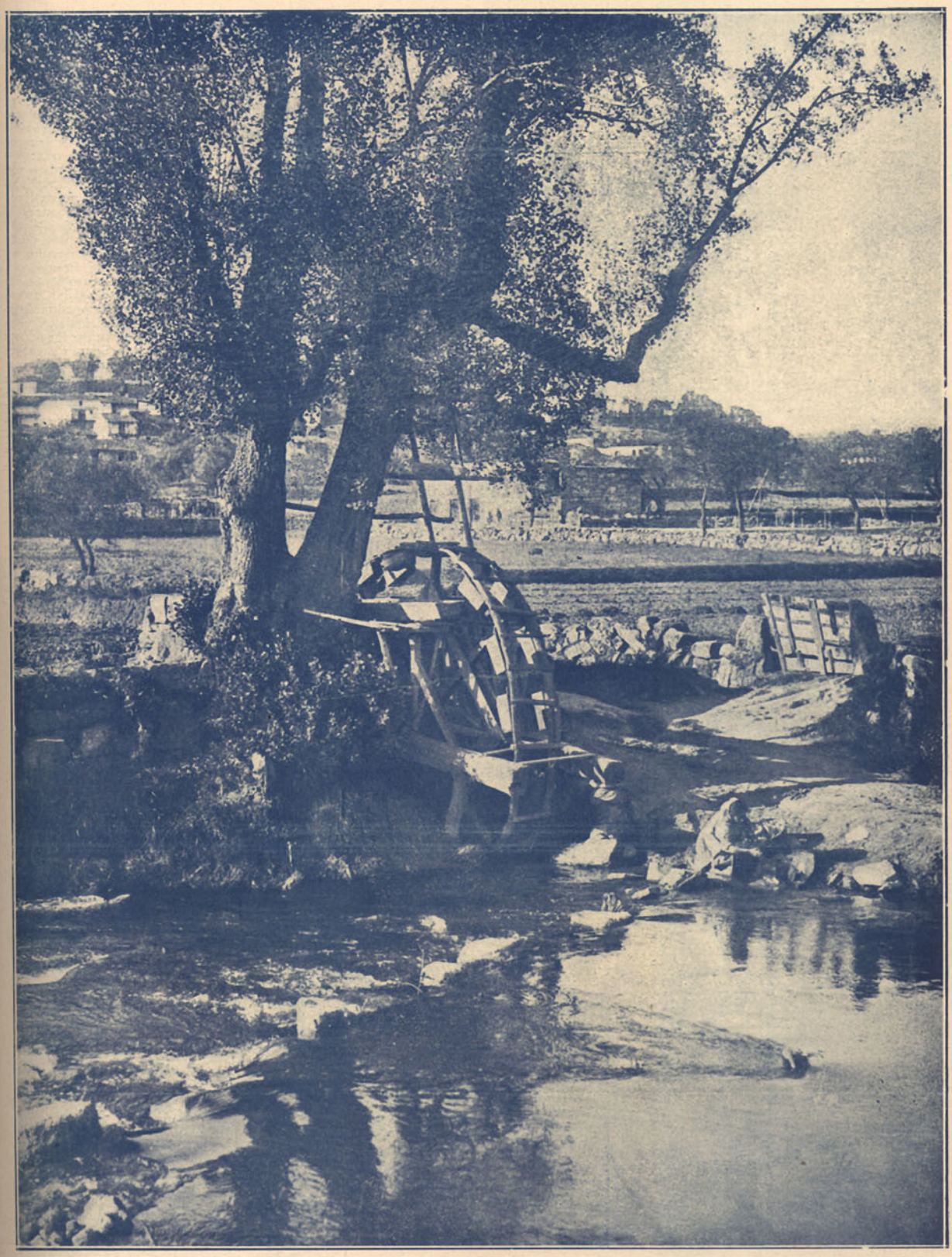
Daí provém a sua divulgação relativamente escassa, o que, aliás, consolida o prestígio de grande *chic* de que gosam os chales modernos.

Nem só os chales bordados, porém, concitam as atenções das senhoras elegantes. A constante versatilidade do espírito feminino no tocante a questões de modas, e ainda a necessidade de criar qualquer cousa, no gênero, mais acessível, mais fácilmente realizável, levou a criar modêlos de chales, que se afastam um pouco da idea básica, atestando mais fantasia do que rigor interpretativo dessa idea, mas que, pela novidade, pela delicada leveza que os caracterisa, logram simpatias entusiásticas e excitam não menos cubiças.

Isto sucede com os chales no gênero do que figura no alto desta página, que o espírito de uma grande modista parisiense concebeu e realizou cortando um amplo rectângulo de *lamé* de prata que franjou em tôda a volta, com uma alta franja de fios de avestruz deliciosamente coloridos em tons *degradés*.

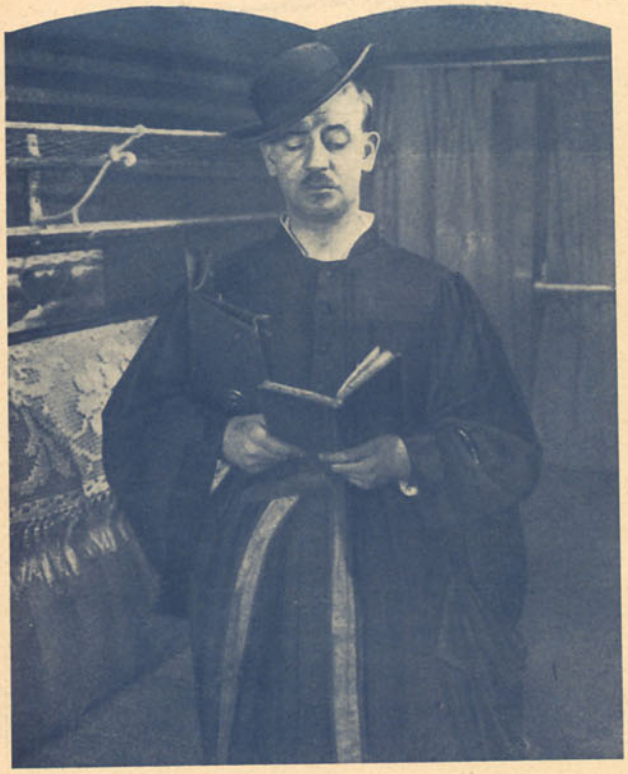
A par dêstes chales sumptuosos, que se usam dobrados em ponta, a meio, no sentido longitudinal, ou de qualquer outra maneira que a fantasia ou o gôsto próprio indique, porque quanto mais personalidade se vincar na maneira de pôr um chale, maior distinção e *chic* se afirmará, — aparecem no mercado outros modêlos mais modestos, que imitam aqueles na forma, sem lograrem recolher-lhes o encanto fascinante.

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



TRÁS-OS-MONTES — Arredores de Vidago (Cliché Cardoso)

CINEMA



A toga de advogado, com um chapéu de côco e um breviário e eis Moluchet ministro da religião...

Um dos mais recentes sucessos parisienses do «écran» é sem dúvida o alegre filme «Jim la Houlette rei dos gatunos», adaptação espirituosissima da célebre comédia de Jean Guitton que, na época passada, foi representada em Portugal pela companhia Rey-Colaço. Foi o grande Nicolas Rimsky o intérprete cinematográfico do protagonista Moluchet, conduzindo ao sabor da sua verve o espirituoso filme cujo entrecho se pode resumir em meia dúzia de palavras:

O escritor sub-realista Bretonneau assina os romances que o seu secretário e amigo de infância Moluchet fabrica hàbilmente. Moluchet aceita essa ingrata situação porque quer estar perto da linda M.me Bretonneau a quem ama perdidamente. Como os romances de Bretonneau se estão vendendo cada vez menos, o editor Saint-Levy tem uma idea genial: como se fala em todos os jornais das novas proezas do fantástico ladrão elegante Jim la Houlette, imagina simular o roubo do manuscrito do último romance de Bretonneau, durante uma recepção que êste dá no seu castelo. O caso será atribuido a Jim que, precisamente, acaba de roubar o advogado Clisson, amigo do romancista. Para perfeita simulação o astuto editor pretende que Moluchet desempenhe o papel de Jim la Houlette, visto aparentar a silhueta necessária e o pobre diabo aceita porque ouviu M.me Bretonneau apreciar bastante calorosamente a figura romanesca do estranho «rei dos gatunos». Durante a soirée, Moluchet prepara o scenário do assalto que vai simular. Vestido de negro, rosto oculto por um lenço de sêda, põe os móveis em desordem e arranca os reposteiros e depois prepara-se para atravessar os salões aterrorisando os convidados e levando na mão o manuscrito e algumas valiosas jóias que Bretonneau cedeu para figurarem na comédia. Neste momento, porém, salta pela janela o verdadeiro Jim, rouba-lhe as jóias e foge. Ao ruido da luta acorrem os convidados e Moluchet, desconcertado, deixa-se prender.

No tribunal, o pseudo Jim la Houlette declara ter feito tudo por ordem de Bretonnea, umas ninguém o acredita. O próprio romancista, cobardemente, acusa o seu humilde amigo. Depois M.me Bretonneau, testemunha também, defende o antigo secretário de seu marido confessando-se apaixonada por êle, que julga o Rei dos Gatunos. Então Moluchet declara-se Jim la Houlette, declara-se o criminoso, visto que é o aventureiro que a linda mulher ama nêle. Clisson, o advogado, que defende o bom e heróico Moluchet, discursa brilhantemente mas

A festa em casa do romancista atingia um brilhantismo incomparável...

TOGRAFIA

em vão. Arguido de algumas centenas de assaltos, confesso Jim la Houllette, Moluchet é condenado à morte.

Na vêspera da execução, o advogado Clisson visita-o na cela, veste-o de advogado com toga e pasta e fá-lo evadir-se porque Clisson, que é o verdadeiro Jim la Houlette, não pode deixar que um inocente seja castigado em seu lugar. Moluchet, de toga, com um chapéu de côco que surripiou e um breviário de igual origem, vai para o castelo de Clisson que, evadindo-se por sua vez, se vai juntar a êle.

O verdadeiro Jim chama Bretonneau, faz-lhe aparecer Moluchet depois de lhe ter dito que êle fôra executado e enche-o de tal terror que o desonesto romancista assina um cheque de quinhentos mil francos e... o consentimento para o divórcio que M.me Bretonneau, agora ao corrente de tudo, deseja ardentemente porque ama em Moluchet, não o bandido mas o heróico e honrado rapaz cheio de abnegação. Mas a policia chega ao castelo. O misterioso Jim la Houlette desaparece mais uma vez, mas deixa tudo preparado de forma que Bretonneau é levado ao cárcere por falsos testemunhos. Os dois apaixonados vão viver felizes. Como é costume, casam e têem muitos meninos... à sua guarda, num asilo de que se tornam disvelados protectores (Edição Albatrós).

▪ ▪ ▪

Rudolfo Valentino, ao morrer, deixava preparado um filme «Benvenuto Cellini» que prometia vir a ser o maior espectáculo da cinegrafia em 1927. A grande firma «United Artists» que já empatara perto de quatro milhões em construções, fatos e armas para essa grande realização, deliberou executar o filme em projecto, substituindo o malogrado italiano pelo «az» dos «azes» Douglas Fairbanks. Os outros intérpretes serão Lowell Sherman e Estelle Taylor.

▪ ▪ ▪

Max Reinhardt, o genial director de teatro alemão, actualmente na América, deve realizar para os «United Artists» uma fantasia de Karl Von Muller com o titulo *The Brotherhood of Man* tendo como intérprete o grande Douglas.

O pérfido Bretonneau, aterrado com a aparição do pobre diabo que julgava morto...

Casaram e tiveram muitos meninos... à sua guarda!!!

O INVERNO EM NICE

A hora «chic», no Passeio dos Ingleses

O problema da habitação resolvido, em plena «Côte d'Azur», por um turista pouco exigente, mas que se não dispensa de passar o inverno em Nice

ESCOLA DE POLÍCIA

Um «sinaleiro» das ruas de Lisboa

O trânsito — eis o pesadêlo dos encarregados do policiamento das cidades.

Evitar que os automóveis subam para os passeios e passem sôbre o arcaboiço dos peões, impedir que as carroças se atravessem na frente dos eléctricos, conseguir que o transeunte entre em casa com as costelas intactas, é o objectivo que desejariam atingir, entre nós, a Câmara Municipal e o Comando da Polícia.

Não basta, porêm, a estas entidades a dose de boa vontade desenvolvida para a resolução do problema. Com ruas antigas, tortuosas e estreitas e com uma polícia de trânsito, que foi necessário improvisar, o trabalho é da categoria dos chamados de Hércules.

Depois da guerra, em que alguns milhões de vidas se extinguiram, deu-se paradoxalmente um aparente aumento de população em dois aspectos dos aglomerados urbanos: a crise da habitação e o aumento do trânsito. A primeira ainda se explica pela paralisação das construções durante quási quatro anos, mas do segundo não se encontra fácilmente justificação a não ser na multiplicação das fortunas, que dirigiu para as grandes cidades uma corrente imigratória de gosadores da vida.

O facto é que pacatas ruas do «lá vem um» são hoje constantemente cruzadas pelo deslise rápido — às vezes demasiadamente rápido — dos automóveis e o que sucede em Lisboa está acontecendo até em Honolulu, em cascos das Ilhas Hawai.

Para Berlim e Paris, metrópoles clássicas do trânsito excessivo, a polícia da circulação não foi, precisamente, uma inovação nos costumes das ruas. O *boulevard* e a *strasse* coalhados de veículos e de peões, movendo-se disciplinadamente sob as ordenações da polícia, não são novidade recente, mas o movimento por tal forma cresceu nas artérias das duas grandes capitais que a sua regularisação tomou aspectos inteiramente diversos, de molde a dar cunho de nova instituição policial, com os seus guardas quási autómatos, os seus sinais luminosos, as suas mil e uma inovações tendentes a regular a liberdade de andar pela rua.

*

Na *Revolte des Anges*, definiu Anatole France os agentes de polícia como indivíduos especialmente dotados de faculdades raras de subserviência, constituindo uma espécie de raça à parte, que se tem propagado através das eras, desde que os homens edificaram as primeiras cidades.

É evidente que a definição só é justa dentro do critério anarquista, que obseca os anjos revoltados da obra de Anatole, porque aos anjos que se subordinam à disciplina social do Céu, dos costumes e da segurança pública, os agentes de polícia hão-de parecer-lhes uns heróis obscuros, sacrificando-se ao bem estar colectivo, sempre prontos a acudir ao primeiro «oh da guarda!» e agora sempre prontos também a impedir que um luxuoso Rolls-Roice ou um Ford sóbrio de linhas e de comodidade passe sôbre o transeunte a borracha dos seus pneus, apagando-o na lista dos vivos.

Em Lisboa, maliciosa, maldizente, e resmungona, os «sinaleiros» foram recebidos com troça, com azedume e com reprovação. Chegaram a inventar-se histórias trágicas de pessoas involuntàriamente agredidas pelo bastão indicador das direcções, manejado com vivacidade e energia pelos polícias de trânsito, mas em poucos dias acabou-se por achá-los úteis e necessários, quando passada a crise do mal dizer se chegou à fácil conclusão de que mais vale um polícia a fazer gestos de bastão num cruzamento de ruas do que dois automóveis a entrarem um pelo outro a oitenta quilómetros à hora.

*

Como de costume, macaqueou-se êste serviço de trânsito e o que em Lisboa e Porto é uma necessidade foi transplantado para algumas pequenas cidades como um luxo de civilização superior.

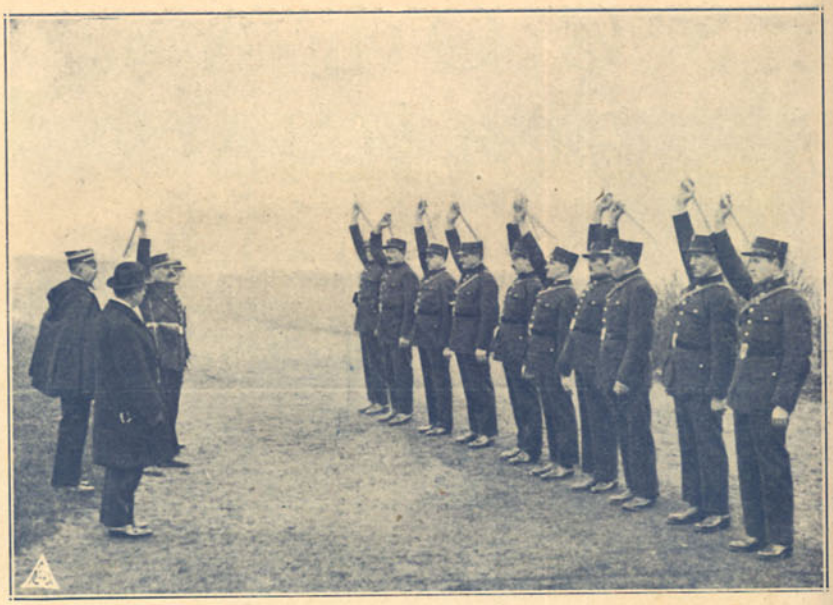
Não pode Lisboa ter a pretenção de ter, dum modo geral, uma polícia perfeita, seja no serviço de trânsito, seja no de guarda e segurança. Mal dotada de verbas orçamentais, escassa de homens que a sirvam, alistando com dificuldade os elementos a quem paga pouco e exige muito, a polícia de Lisboa ressente-se ainda da falta duma escola que adestre os guardas nas suas especialidades.

Na escola de «Gardiens de la Paix», de Paris, dirigida pelo instrutor Mr. Peyret des Gâchons: um problema de circulação

O tipo dominante do guarda cívico está ainda, infelizmente, muito próximo do polícia analfabeto e rude que as revistas do ano caricaturaram. Os govêrnos militarizam demasiadamente a corporação da polícia, pondo-a em armas e mandando-a para a rua em som de guerra, quando se anunciam revoluções. Preferem-se, nos alistamentos, as antigas praças de pret do exército, que assim passam duma obediência passiva a uma autoridade em que, em regra, se excedem por falta de ensinamento e pela verificação do provérbio, tão português na sua aplicação, que fala da vara em mãos do vilão.

É freqüente ver-se na via pública agentes da segurança sentenciando como Salomões de sabre à cinta e ainda é mais freqüente vê-los utilizar nas costas do cidadão a arma que lhes foi confiada exactamente para defender e guardar essas costas.

Sem teoria, apenas com uma prática de escassos dias, os guardas da segurança são atirados para o serviço das ruas com a noção errada e vaga de que a sua missão é meter na ordem e não manter a ordem. Por melhor von-



Grupo de «sinaleiros» franceses num exercício de manejo do bastão indicador

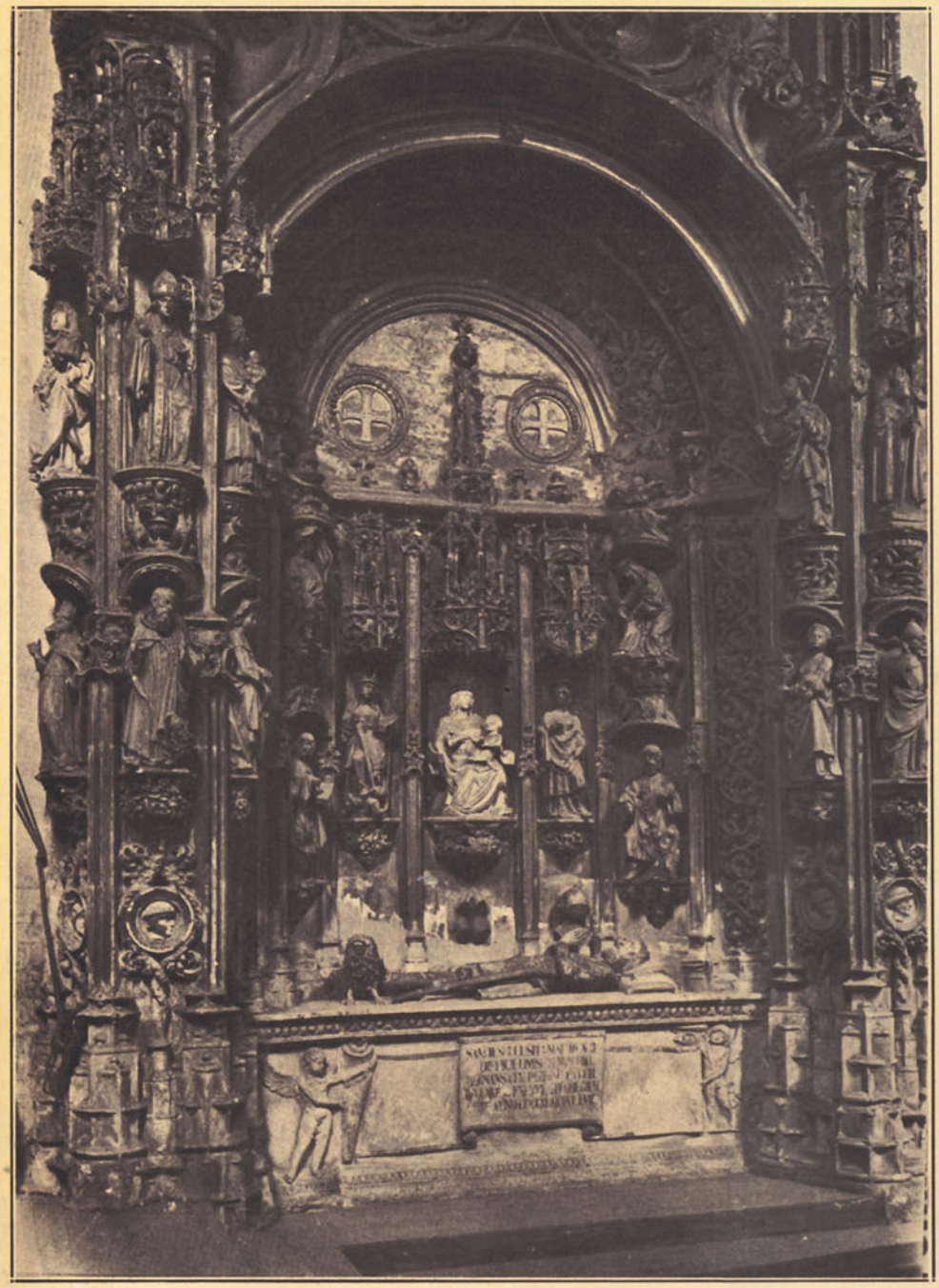
Os «Gardiens de la Paix» exercitam-se em Jiu-jitsu, na previsão de prisões movimentadas

Paris desde há muito mantem a sua escola de *Gardiens de la Paix*, sob a direcção do instrutor Mr. Peyret des Gâchons. Os novos agentes teem nessa escola uma verdadeira iniciação, que se reveste dum carácter geral e se especialisa, depois, conforme as brigadas a que pertencem os vários serviços. Os problemas da circulação, as boas maneiras do trato com o cidadão, a ginástica, a luta defensiva são ali resolvidos e ensinados teórica e práticamente. Esta recruta de mais largo alcance forma profissionais de polícia e selecciona vocações e competências, contribuindo para um excelente policiamento, hoje mais do que nunca necessário.

Um sinaleiro de Honolulu (Hawai) instalado no seu posto, com tôda a comodidade e segurança

tade que comandantes e comissários desenvolvam no aperfeiçoamento dos serviços, a matéria prima, já de si inferior para poder ser mais barata, não é trabalhada convenientemente por uma educação especializadora e assim acontece que a polícia de Lisboa, que sabe esperanto, ignora essencialmente a sua missão protectora da segurança individual e colectiva.

Não se nasce agente de polícia, como se não nasce carpinteiro ou serralheiro. Todo o profissional, por mais decidida que seja a sua vocação, tem de passar por uma aprendizagem lenta e segura. Os simples exercícios militares podem adextrar uma corporação de polícia de forma a portar-se bem numa parada, mas se não se ensinar aos agentes de segurança a arte de delicadamente indicar a uma senhora esta ou aquela rua, de desfazer suasóriamente um ajuntamento que pode degenerar em motim, de manejar o seu bastão de «sinaleiro» de maneira a, sem exageros de jogos malabares, dar passagem segura a veículos e peões, de se defender eficazmente e sem recorrer a extremos de violência dum ataque à sua pessoa e ao prestígio da sua autoridade, se não se lhe proporcionar esta aprendizagem necessária a tão complexo ofício não se conseguirá nunca uma polícia cívica, porque se terá sòmente mais um corpo militar, com a desvantagem dum contacto directo e imediato com a população civil, o que não acontece com os outros corpos do exército senão em ocasiões excepcionais.



COIMBRA — Igreja de Santa Cruz

TÚMULO DE D. SANCHO

A SÊDA ARTIFICIAL

As pessoas que censuram a generalização do uso da sêda, lembrando que ela só era empregada antigamente em peças de vestuário que as classes ricas guardavam para os dias solenes, devem ter presente, para atenuar a violência das suas queixas, que a sêda de que se faz tão largo uso não provêm daqueles conhecidos casulos pacientemente tecidos por uma operosa lagarta. É sêda artificial que tem por matéria prima ou o algodão, ou a pasta de madeira de que também se faz o papel. Fabricada pela primeira vez, ao que parece, por um inglês, em Lausanne, só em 1900 constituiu indústria de apreciável desenvolvimento. Conquistou depois, ràpidamente, os mercados do mundo. Em 1900, a produção foi de 7.000 toneladas; em 1926, de cêrca de 100.000; e afirma-se que nesta indústria trabalha presentemente mais de um milhão de pessoas.

O primeiro inventor da sêda artificial obteve-a reduzindo a pasta os rebentos novos de amoreira, purificando e branqueando essa pasta e tratando a celulose assim obtida pelo ácido nítrico por forma a transformá-la em nitro-celulose. Esta substância era dissolvida em álcool e éter, e a êsse soluto juntava-se um soluto de cautchú também em éter. Ficava uma massa viscosa donde se podiam tirar fios agarrados a uma ponta de aço que nela se mergulhava e retirava depois. Esses fios, sêcos ao ar, podiam enrolar-se numa bobine.

Este processo rudimentar não podia ter aplicação industrial; mas o princípio fôra descoberto, e os aperfeiçoamentos vieram mais tarde. Trinta anos depois, em 1885, o Conde de Chardonnet dedicou-se a essa fabricação e conseguiu apresentar na exposição de Paris, em 1889, amostras de tecidos que foram justamente admiradas. As dificuldades técnicas eram, porêm, grandes ainda, de modo que pode tomar-se o início dêste século como a data em que a fabricação da sêda artificial saiu dos domínios da curiosidade experimental para os da indústria definitivamente criada.

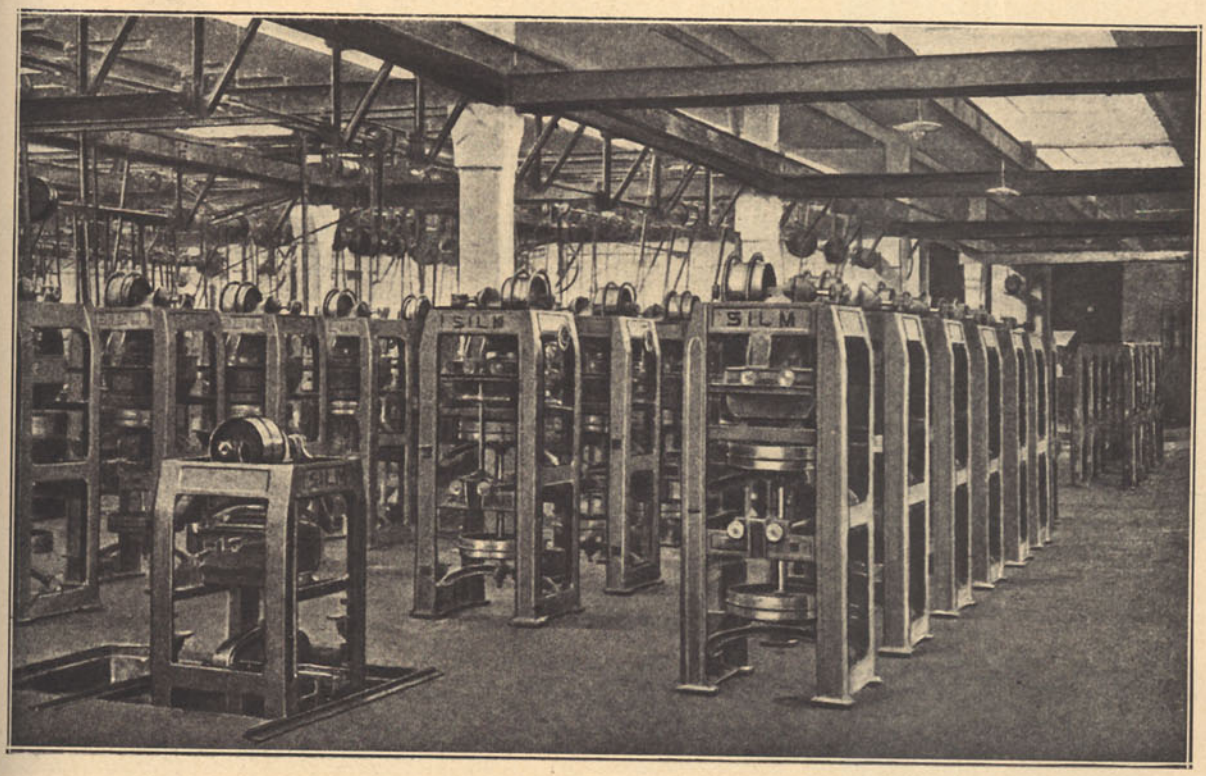
Contam-se hoje vários processos para fabricação da sêda artificial, sendo quatro os principais: o da nitro-celulose, o da viscose, o cupro-amoniacal e o de acetato de celulose.

O primeiro, o mais antigo e que tem ainda o nome de processo Chardonnet, utiliza a pasta de algodão. Esta liberta-se de impurezas, principalmente de gorduras, e é seguidamente tratada por uma mistura de ácido sulfúrico e ácido nítrico que transforma a celulose em nitro-celulose. Lava-se depois para tirar o ácido em excesso, dissolve-se numa mistura de álcool e éter, filtra-se por algodão cardado, sob pressão, e faz-se passar à fieira. Os fios, que se solidificam ràpidamente ao ar, enrolam-se numa bobine de madeira

Este processo tem um grave inconveniente: A nitro-celulose é uma substância explosiva, portanto difícil de manejar. Opera-se, por isso, a desnitrificação do produto num banho de sulfidrato de sódio ou de cálcio, seguindo-se-lhe um outro banho de hipoclorito de cálcio, para o branquear, e uma lavagem com água. Mas nem sempre essa desnitrificação é bem feita. No ano passado morreu uma criança de 12 anos, após duas semanas de sofrimento, porque um fósforo tinha pegado lume ao «cache-col» que trazia e que ardeu ràpidamente. Afirmou-se que a sêda tinha sido mal desnitrada.

O processo mais usado para a preparação da sêda artificial é o da viscose, não por dar produtos mais belos ou mais resistentes, mas pelas suas vantagens económicas. A celulose que nele se emprega vem da pasta de madeira. Transforma-se em álcali-celulose por acção da soda cáustica, e esta em xantato celulósico por meio do sulfureto de carbono. A viscose é um líquido viscoso, como o nome indica, formado por acção da soda sôbre um soluto dêsse xantato. Os fios que com ela se obtêm endurecem num banho em que entra, como matéria principal, o ácido sulfúrico.

No processo cupro-amoniacal utiliza-se indiferentemente a celulose do algodão ou a da pasta de madeira. Essa celulose é tratada pelo hidrato cúprico e pelo amoníaco.



Uma grande fábrica moderna de sêda artificial

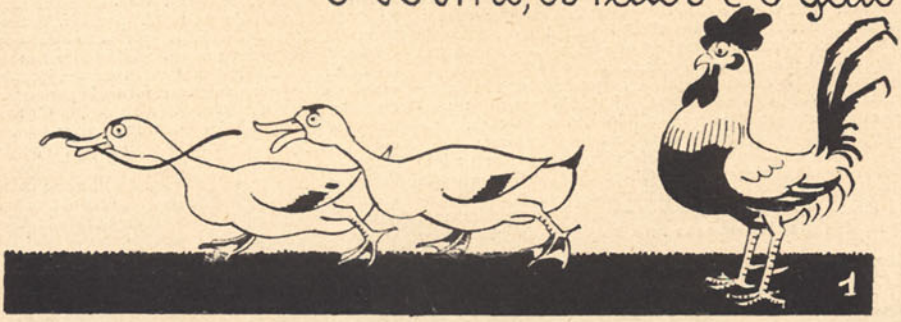
Finalmente há que considerar o processo do acetato de celulose, com o qual se obtem uma sêda especialmente resistente à humidade e mesmo à agua do mar, superior, portanto, sob êstes aspectos, à sêda natural. A celulose, que se obtem da madeira ou do algodão, é tratada pelo anidrido acético em presença dum catalizador que é, por via de regra, o ácido sulfúrico.

E aqui está nas suas linhas gerais, como não podia deixar de ser, a indicação dos processos com que se obteem aqueles tecidos cujo brilho Eva tanto preza. Possivelmente a sêda artificial terá contribuído para se estabelecer e se prolongar a moda das saias curtas. Mas, entendamo-nos: Tudo neste mundo é aparência e ilusão. Não é dos casulos que veem as meias sedosas, mas de simples pasta de madeira como a que serviu para fazer o papel onde eu estou escrevendo esta verídica narração.

F. MIRA.

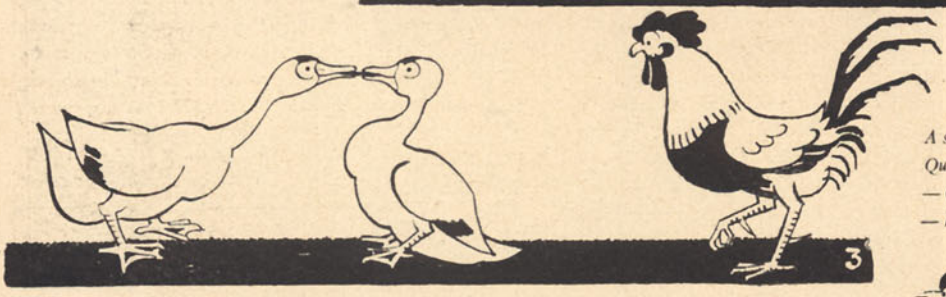
Pagina Infantil

O Verme, os Patos e o Galo

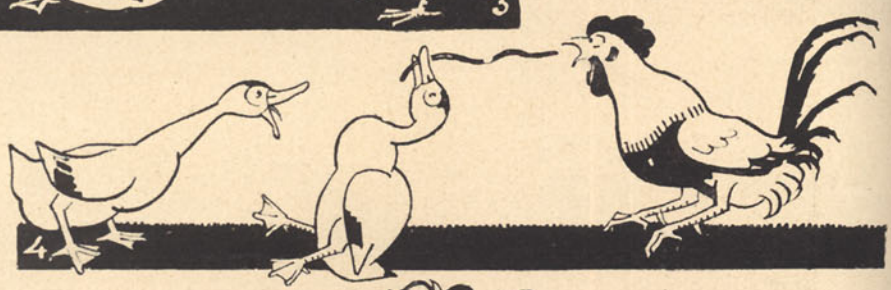


Verme lustroso e comprido
A pata leva no bico.
Grita o pato: «Sou marido...
Sem metade é que eu não fico!»

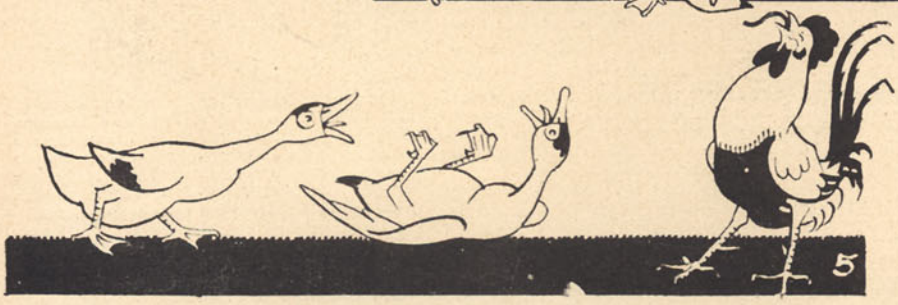
Perto, um galo acha razão
Que nos casais bem formados
Haja sempre meação
Em todos os bens herdados.



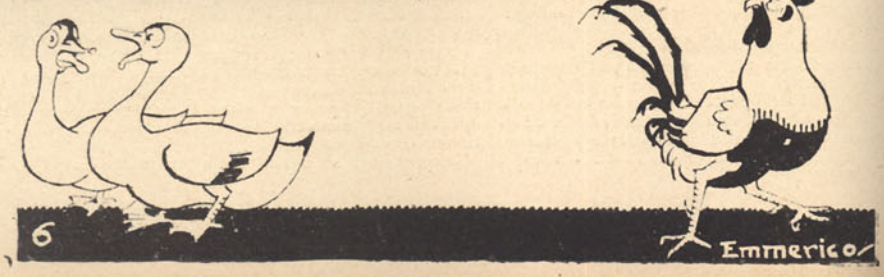
A sentença do juiz
Qualquer dos dois não acata.
— Corta ao meio! — o pato diz...
— É todo meu! — grita a pata...



Mas p'ra gritar, a patinha
Abre o bico e logo — zás! —
O pato, perdendo a linha,
Um trambulhão dá p'ra trás.



O galo, cuja razão
Não conseguiu convencê-los,
Pára o verme e diz: «Então,
Cá vai p'ra custas e sêlos!»



Moral do caso — o ditado,
Que é bem certo em seu dizer:
«Guardado está o bocado
P'ra quem o há-de comer!»

PORTUGAL D'ALEM MAR

LOURENÇO MARQUES. — Grupo de amadores que tomou parte na récita realizada em 18 de novembro passado, no teatro «Gil Vicente», a favor das vitimas do terremoto do Faial, com a peça de Chagas Roquete e Alvaro Lima «O deputado independente». *Da esquerda para a direita, primeiro plano:* os srs. Teófilo Sttatmiller, D. Fidélia Coelho, D. Celeste Ferreira, D. Maria de Sousa, D. Aida Ferreira e Carlos Santos. *Segundo plano:* Jaime Vasques, Ahrens Teixeira, D. Suzana de Almeida, menina Manuela Santos, D. Celeste Lima e Joaquim Sttatmiller. *Terceiro plano:* Júlio Real, Carlos Teixeira (ensaiador), Carlos da Fonseca, Manoel Coelho, Cardoso Monteiro, Eugénio Fernandes, Luis Vieira e Gil Medina

NOVO REDONDO. — Casamento da sr.ª D. Maria Candida Raposo de Oliveira com o sr. António da Costa Botelho, guarda-livros e gerente da Companhia do Seles

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Conclusão)

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

— Viam-no os olhos de Deus! Os anjos apontavam-no sempre! O demónio conhecia-o bem e exacerbava a dor passando constantemente por êle seu dedo ardente. Mas êle o escondera manhosamente de todos os homens, e passava entre vós com o ar de um espírito, triste, porque, sendo tão puro, se encontrava num mundo pecador! — e saudoso, porque lhe pesava estar longe de seus irmãos celestes! Agora, à hora da morte, se ergue êle ante vós! Êle vos ordena que olheis mais uma vez para a letra encarnada de Hester! Êle vos diz que, com todo seu misterioso horror, ela não é mais que a sombra daquilo que êle mesmo traz no peito, e que também isso, o seu estigma vermelho, não é mais que o símbolo daquilo que lhe tem queimado o fundo do coração! ¿Há algum de vós que duvide do castigo que Deus dá a um pecador? Olhai! Vêde êste pavoroso testemunho!

E com um movimento convulsivo, arrancou o peitilho eclesiástico que lhe cobria o peito. Estava feita a revelação! Mas fôra irreverente descrevê-la. Por um instante os olhares da multidão horrorizada se concentraram no pavoroso milagre; e o ministro se manteve de pé, à vista de todos, com um rubor de triunfo nas faces, como quem, numa crise de dor agudíssima, tivesse ganhado vitória. Depois, caiu de repente sôbre o cadafalso! Hester levantou-o um pouco, e encostou-lhe a cabeça contra o seio. O velho Roger Chillingworth ajoelhou ao lado dêle; do semblante pálido, parado, do físico dir-se-ia ter fugido a vida.

— Escapaste-me! — repetiu mais de uma vez. — Escapaste-me!

— Deus te perdoe! — disse o padre. — Tu, também, muito pecaste!

Desviou do velho os olhos moribundos e fixou-os na mulher e na criança.

— Minha Pearl — disse êle com voz fraca — e havia em seu rosto um suave sorriso, como o de alma que cai em profundo repouso; sacudido o penoso fardo, até quási parecia que ia brincar com a criança — minha Pearl pequenina, não me beijas agora? Lá na floresta não quiseste! E agora, queres?

Pearl beijou-o na bôca. Quebrara-se o encanto. A grande scena de dor, em que a estranha criança tivera também parte, tinha-lhe feito desabrochar a sensibilidade; e as lágrimas que lhe caíam sôbre as faces do pai eram penhor de que ela ia crescer entre a alegria e a dor humanas, de que não ficaria sempre a batalhar com o mundo, mas seria nêle uma mulher como as outras. E também para a mãe estava terminada a missão de Pearl como portadora de angústia.

— Hester — disse o sacerdote — adeus!

— ¿Nunca mais nos veremos? — segredou ela, baixando a face até perto da dêle. — ¿Não passaremos juntos a nossa vida imortal? Ah, por certo, por certo, nos temos remido um ao outro, com tôda esta dor! Tu estás a olhar pela eternidade fora, até muito longe, com êsses teus olhos penetrantes de moribundo! Dize-me que estás a ver!

— Cala, Hester, cala! — disse êle com trêmula gravidade. — A lei que violámos! — o pecado aqui tão solenemente revelado! — devem ser as tuas únicas preocupações! Eu temo! Eu temo! Porventura, desde o momento em que esquecemos o nosso Deus — em que violámos o respeito que cada um de nós devia à alma do outro — se nos tornou vão esperar que nos pudéssemos encontrar na outra vida, em perpétua e pura reünião. Deus o sabe; e êle é misericordioso! Patenteou a sua misericórdia, sobretudo, em minha aflição. ¡Quando me deu esta tortura ardente para eu trazer no peito! ¡Quando me mandou aquele velho sinistro e terrível, para manter a tortura sempre em brasa! ¡Quando aqui me trouxe para morrer ante o povo esta morte de triunfante ignomínia. Se alguma destas agonias me faltara, eu me teria perdido para sempre! Santificado seja o Seu nome! Seja feita a Sua vontade! Adeus!

Esta palavra final soltou-a o padre com o último sôpro de vida. A multidão, até ali silenciosa, rompeu num rumor fundo e estranho de assombro e terror, que contivera até se manifestar neste murmúrio que gravemente acompanhava o espírito que tinha partido.

XXIV

CONCLUSÃO

Ao cabo de muitos dias, quando já passara tempo bastante para que o povo pudesse coordenar ideas acêrca da scena que acabou de se descrever, corria mais de uma versão do que se tinha visto no cadafalso.

Afirmava a maioria dos espectadores ter visto, no peito do desditoso padre, uma LETRA ENCARNADA — exactamente egual à que usava Hester Prynne — impressa na carne. Quanto à sua origem, davam-se várias explicações, tôdas elas necessàriamente conjecturais. Diziam alguns que o reverendo sr. Dimmesdale, no próprio dia em que Hester Prynne principiara a usar o sinal de ignomínia, tinha começado uma penitência — que depois, por vários processos fúteis, prosseguira — infligindo a si próprio uma tortura hedionda. Pretendiam outros que o estigma se não mostrara senão muito depois, quando o velho Roger Chillingworth, potente nigromante, o fizera aparecer, pelo emprêgo de artes mágicas e de drogas venenosas. Outros, ainda, — e os mais competentes para avaliar da estranha sensibilidade do padre, e da maravilhosa acção de seu espírito sôbre o corpo — segredavam a crença de que o pavoroso símbolo era efeito do dente incansável do remorso, sempre a roer do fundo do coração para fora, o qual acabara por manifestar o terrível castigo divino pela presença visível da letra. Escolha o leitor, entre estas teorias. Nós que lançámos sôbre o prodígio tôda a luz que pudemos, agora que ela fêz seu efeito, quisêramos apagar a sua imagem de nosso cérebro, onde prolongada meditação a gravou com aflitiva nitidez.

É, porém, singular que certas pessoas que

assistiram a tôda a scena, e que afirmavam nunca ter desviado os olhos do reverendo sr. Dimmesdale, negavam que no peito dêle houvesse mais sinal que no de qualquer recém-nascido. E, no relato destas, não tinham as últimas palavras do padre confessado, ou sequer insinuado, qualquer relação — por pequena que fôsse — com a culpa pela qual Hester Prynne há tanto tempo usava a letra encarnada. Segundo estas respeitabilissimas testemunhas, o padre sabendo que ia morrer — e sabendo, também, que a veneração do povo o colocava já entre os santos e os anjos — desejava, morrendo nos braços daquela mulher caída, exprimir ao mundo como é inteiramente nula a maior virtude humana. Depois de esgotar a vida trabalhando para o bem espiritual da humanidade, tinha querido que a sua morte fôsse uma parábola, para gravar bem na alma dos seus admiradores esta lição tremenda e humilhante: que, aos olhos da Pureza Infinita, todos somos egualmente pecadores. Fôra para ensinar-lhes que o mais santo de nós todos apenas excedeu aos seus semelhantes em poder distinguir mais claramente a Misericórdia que lá de cima nos contempla, e repudiar mais inteiramente o fantasma do humano merecimento, inclinado a erguer confiadamente a sua aspiração à bem-aventurança. Sem que pretendamos contestar uma tão importante verdade, ser-nos há, todavia, permitido considerar esta versão do caso do sr. Dimmesdale como apenas um exemplo da fidelidade inabalável com que os amigos de um homem — e especialmente de um sacerdote — persistem às vezes em defender o seu carácter, quando provas tão claras como o sol do meio-dia sôbre a letra encarnada mostram que êle é um mortal falso e pecador.

A autoridade de que principalmente nos temos valido — um antigo manuscrito, redigido sôbre o testemunho verbal de várias pessoas, algumas das quais tinham conhecido Hester Prynne, e outras tinham ouvido a história a testemunhas contemporâneas — plenamente confirma a versão que seguimos nas páginas precedentes. Entre as várias conclusões morais que nos surgem da triste experiência do inditoso padre, uma só poremos em palavras: — Sê verdadeiro! Sê verdadeiro! Sê verdadeiro! ¡Mostra livremente ao mundo, se não o pior que há em ti, ao menos alguma cousa de que o pior se possa concluir!

Nada mais notável que a mudança que se operou, logo após a morte do sr. Dimmesdale, no aspecto e no procedimento do velho conhecido por Roger Chillingworth. Tôda a sua fôrça e energia — tôda a sua vitalidade física e mental — pareceu abandoná-lo de uma vez, de sorte que positivamente se engelhou, se mirrou, e quási se sumiu da vista dos homens, como erva arrancada que o sol vai reduzindo a pó. Êste infortunado tinha feito consistir o princípio dominante da sua vida no intento e no exercício sistemático da vingança; e quando, por seu triunfo e consumação completos, a êsse mau princípio faltou todo o alimento — quando, em suma, já não havia na terra mais obra diabólica que êle fizesse — só restava àquele mortal desumanizado retirar-se para onde seu Amo lhe daria tarefas bastantes, e lhe pagaria o devido salário. Mas com todos estes sêres tornados sombras, com que durante tanto tempo temos convivido — Roger Chillingworth e seus companheiros — queríamos nós ser misericordiosos. Curioso objecto de observação e estudo é o de saber se o ódio e o amor não serão no fundo a mesma cousa. Cada um dêstes sentimentos, em seu máximo desenvolvimento, pressupõe um alto grau de intimidade e de conhecimento do coração; cada um torna uma pessoa dependente de outra para o alimento de seus afectos e vida espiritual; cada um deixa o amante apaixonado, ou o não menos apaixonado inimigo, só e consternado quando o objecto do amor ou do ódio desaparece. Filosòficamente consideradas, as duas paixões parecem, pois, essencialmente a mesma, excepto em que uma se nos apresenta cercada de luz celeste, e a outra de um clarão vermelho e sinistro. No mundo espiritual, o velho físico e o padre — vítimas um do outro, como foram, — por ventura encontraram, sem o esperar, o seu cabedal terreno de ódio e antipatia convertido em áureo amor.

Deixando, porêm, esta discussão, temos um assunto importante a comunicar ao leitor. Por morte do velho Roger Chillingworth (a qual sucedeu dentro de um ano), e por seu testamento, a cujas disposições êle encarregou o Governador Bellingham e o reverendo sr. Wilson de dar cumprimento, deixou o físico bens muito consideráveis, tanto aqui como em Inglaterra, à pequenina Pearl, filha de Hester Prynne.

Assim Pearl — a criança estranha — a prole do demónio, como muitos ainda a supunham ser — ficou sendo a mais rica herdeira de seu tempo em tôda a Nova Inglaterra. Não é inverosímil que a esta circunstância fôsse devida a considerável mudança que a seu respeito se deu na opinião pública; e, se mãe e filha ali houvessem ficado, Pearl, chegada à idade de casar poderia, muito bem ter misturado seu inquieto sangue com a linhagem do mais devoto de todos os puritanos. Porêm, não muito depois da morte do físico, desapareceu a portadora da letra encarnada, e com ela Pearl. Durante muitos anos, ainda que de vez em quando uma vaga notícia atravessasse o mar — como pedaço de madeira que dá à costa e que tem gravadas as iniciais de um nome — não se receberam novas indiscutivelmente autênticas da mãe e da filha. A história da letra encarnada converteu-se em lenda. Seu mágico efeito era, todavia, ainda enorme, e tornava objecto de terror o cadafalso onde morrera o padre, e também a cabana ao pé do mar, onde tinha morado Hester Prynne. Uma tarde, umas crianças que brincavam perto dêste último sítio, viram aproximar-se uma mulher alta, vestida de cinzento. A mulher dirigiu-se para a porta da cabana. Em todos aqueles anos nunca essa porta se descerrara; mas ou ela a abriu com chave, ou a madeira e as ferragens velhas cederam à sua mão, ou passou como uma sombra através dêstes obstáculos. O certo é que entrou.

No limiar, demorou-se um momento e voltou-se um pouco, pois talvez a idea de entrar só, e depois de tudo tão mudado, na casa onde passara outrora uma vida tão intensa, fôsse triste e desoladora de mais para que ela a pudesse suportar. Mas a hesitação foi apenas momentânea, se bem que durou o bastante para mostrar uma letra encarnada em seu peito.

¡E Hester Prynne tinha voltado, e retomado a sua ignominia abandonada há tanto! ¿Mas onde estava a pequenina Pearl? Se ainda vivia, devería estar agora na flor da juventude. Ninguém sabia — e ninguém veio a saber com perfeita certeza — se a estranha criança se escondera prematuramente em virginal sepultura, ou a sua índole inquieta e exuberante se havia abrandado e sujeitado, e se tornara capaz da doce felicidade reservada à mulher. Mas, durante o resto da vida de Hester, não faltaram indicações de que a reclusa da letra encarnada era objecto do amor e do interêsse de alguém que habitava outra terra. Vinham para ela cartas, com sinetes brasonados, ainda que de armas desconhecidas à heráldica inglêsa. Na cabana havia objectos de confôrto e de luxo de que Hester nunca se servia, mas que só a riqueza podia ter comprado e o afecto ter escolhido. Havia também futilidades, pequenos adornos, lindos testemunhos de uma lembrança constante, que deviam ser obra de dedos hábeis impulsionados por um coração afectuoso. E uma vez encontraram Hester a bordar um vestido de criancinha, com tão grande riqueza de esplêndida fantasia que, se alguma criança vestida dêste modo se mostrasse à nossa comunidade, sempre envôlta em trajos de côres sóbrias, tôda a população se teria amotinado.

Em suma, criam as comadres daquele tempo — e cria o senhor Inspector Pue (1), que fêz investigações um século depois — e um de seus recentes sucessores profissionais também fielmente crê — que Pearl não sòmente vivia, mas estava casada e feliz, e se lembrava sempre da mãe, e muito gostaria de ter ao pé de si, em sua casa, essa mãe triste que fôra buscar a solidão.

Mas para Hester Prynne havia aqui, na Nova Inglaterra, uma vida mais real que naquele desconhecido país onde Pearl encontrara um lar. Aqui se dera o seu pecado; aqui os seus desgostos; aqui teria de ser também a sua penitência. Tinha, portanto, voltado e retomado — de sua livre vontade, pois que nem o mais duro

(1) Antigo Inspector da alfândega de Salem onde Hawthorne exercera o mesmo cargo, e onde, na *Alfândega*, diz ter encontrado, feito ou mandado fazer por aquele seu antecessor, um manuscrito com a narrativa que lhe serviu de base ao romance e, junto dêle, a letra encarnada que usara Hester Prynne.

magistrado daqueles tempos de ferro teria sido capaz de lho impor — o símbolo de que temos narrado a sombria história. E dali em diante nunca deixou de usá-lo. Mas no decurso dos anos de trabalho, cuidados e abnegação que formaram a vida de Hester, a letra encarnada deixou de ser um estigma que atraísse o desdem e a dureza do mundo, e passou a ser o sinal de um objecto de lástima e a ser olhada com temor, sim, mas também com veneração. E, como Hester Prynne não tinha fins egoístas, nem vivia, de modo algum, para seu proveito e satisfação própria, passaram a trazer-lhe o relato de tristezas e de dúvidas, e a pedir-lhe conselho, como a pessoa a quem a vida muito experimentara. As mulheres, sobretudo — nas repetidas provações de afectos feridos, não correspondidos, injuriados, mal empregados, ou culpáveis e pecaminosos, ou com o triste pêso de um coração por dar, porque ninguém o prezava ou buscava — vinham à cabana de Hester, perguntar-lhe porque eram tão infelizes e qual era o remédio! Hester consolava-as, e aconselhava-as o melhor que podia. Afirmava-lhes, também, a sua firme crença de que, nalguma época melhor, quando o mundo para tal estivesse preparado, na ocasião em que o quisesse Deus, uma verdade nova seria revelada para estabelecer tôda a relação entre o homem e a mulher em mais seguro terreno de mútua felicidade. Num período anterior de sua vida, tinha Hester em vão imaginado que talvez pudesse ela mesmo ser a profetisa predestinada; mas havia muito que reconhecera a impossibilidade de ser confiada qualquer missão de verdade oculta e divina a mulher a quem o pecado tivesse maculado, a quem o opróbrio tivesse curvado, ou sôbre quem pesasse uma vida inteira de amargura. O anjo e apóstolo da revelação vindoura teria que ser, sim uma mulher, porém uma mulher digna, pura, e bela; tornada sabedora, não pela tristeza que entenebrece, mas pela acção de uma alegria celestial; e que mostrasse como o sagrado amor nos pode tornar felizes, com o testemunho, sôbre todos valioso, da ventura de uma vida dedicada a êsse propósito.

Assim dizia Hester Prynne, e baixava tristemente os olhos para a letra encarnada. E depois de muitos, muitos anos, nova sepultura foi aberta, ao pé de outra, antiga e abatida, naquele cemitério ao pé do qual depois se construiu King's Chapel. Abriram-na ao pé desta, mas deixando um espaço de permeio, como se o pó dos dois mortos não tivesse direito a misturar-se. Porém uma só lousa serviu para ambos. Em tôrno, por tôda a parte, havia mausoléus brasonados; e nesta lousa simples — como o investigador curioso ainda poderá ver, perplexo com o que possa significar — havia também uma semelhança de escudo de armas. Era uma figura cuja definição em linguagem heráldica poderia servir de epígrafe e sumária indicação da história que acabámos de contar; tão sombria ela é, e apenas aliviada por um fulgente ponto de luz, ainda mais sinistra que a própria sombra — EM CAMPO PRÊTO A LETRA A EM SANGUINHO.

NO PRÓXIMO NÚMERO

Inicia a **ILUSTRAÇÃO** a publicação do sensacional romance de aventuras

original de **CONAN DOYLE** o romancista inglês de reputação mundial

O MUNDO PERDIDO

GRANDE CONCURSO — 15 contos de prémios

PASSATEMPO

A BORBOLETA

(Passatempo)

Trata-se apenas de a reconstituir: para isso, basta desenharem sôbre o desenho que aqui está, uma figura geométrica regular que hão de dividir em seis partes iguais e simétricas. Feito isto, recortem essa figura pelos traços e conseguirão, fácilmente, reconstituir êste bonito insecto.

▪ ▪ ▪

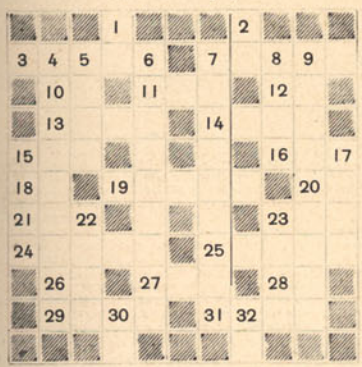
O cliente: — O meu maior incómodo, doutor, é na respiração.

O medico: — Já vamos acabar com isso.

▪ ▪ ▪

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



Horizontalmente:

3 Personagem mitológico. — 7 Cidade. — 10 Nota de música. — 11 Quer. bem. — 12 Artigo árabe. — 13 Sultão. — 14 Rei da antiguidade. — 15 No altar. — 16 Ponto cardial. — 18 Artigo francês. — 19 Apelido. — 20 Catedral. — 21 Para riscar. — 23 Letra grega. — 24 Constelação, — 25 Engano. — 26 Carta de jogar. — 27 Espaço de tempo. — 28 Duas vogais. — 29 Álcali mineral. — 30 Nas cidades.

Verticalmente:

1 Letra grega. — 2 Perto. — 4 Árvores. — 5 Nos versos. — 6 Dansa antiga. — 7 Escritor espanhol. — 8 Ente supremo. — 9 Notáveis. — 15 Expressão antiga. — 17 Nome de um Papa. — 22 Juiso. — 23 Para cavalgar. — 30 É generoso. — 32 Exclamação.

DESINTERESSADO

A mulher do Ferreira era especialmente amiga de lembrar ao marido que a prata era dela, a mobília era dela, o piano era dela, e assim por diante, até que o pobre Ferreira já tinha pena de não ter casado antes com uma rapariga sem vintem.

Uma noite a sr.ª Ferreira acordou e ouviu vozes extranhas nas salas em baixo. Sacudindo o marido pelos ombros, chamou-o:

— João, levanta-te! Andam ladrões, lá em baixo!

— Anh! o que é? — perguntou o marido, cheio de sono.

— Ladrões lá em baixo! — gritou-lhe a mulher.

— Ladrões? — disse o Ferreira voltando-se para o outro lado. — Ora, deixá-los roubar. Não está lá nada meu!

▪ ▪ ▪

O criado do restaurante tinha sido extremamente demorado em servir o jantar e o freguez desafogava a sua irritação em sarcásmo.

— Olha lá, rapaz, — disse êle. Traze-me o café e o licor e emquanto por lá estiveres podes mandar-me de vez em quando um bilhete postal.

▪ ▪ ▪

— Você acredita que o treze seja um número fatal?

— Não sei; mas a verdade é que todos quantos viveram no século treze já morreram.

▪ ▪ ▪

A criada: — Está ali um homem a procurar o senhor, com duas pernas de pau.

O patrão: — Dize-lhe que não queremos nenhumas.

▪ ▪ ▪

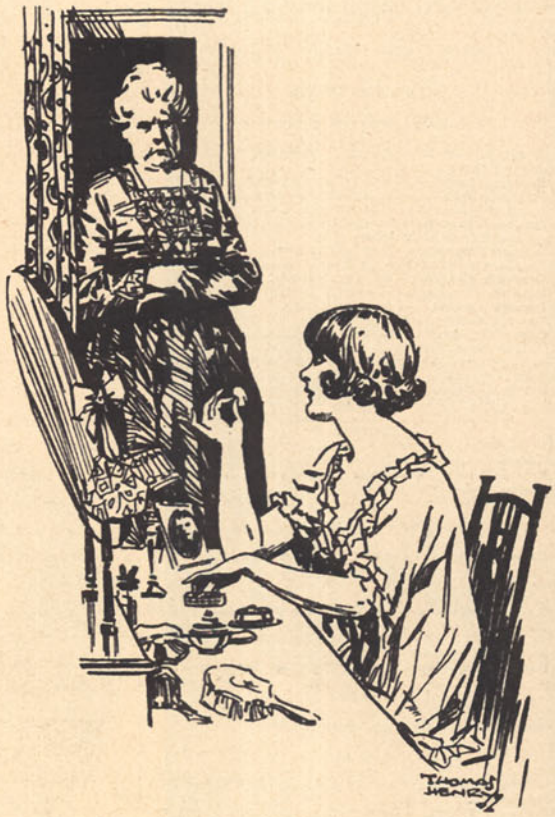
UM VIAJANTE PRECOCE

Dizia um rapazinho para outro.

— Temos passado muito mau tempo lá por casa. O nosso bébé foi para o céu.

— Lá pela nossa ainda tem sido pior. Veiu-nos um do céu para lá.

— Que massada! é capaz de ser o mesmo que anda de um lado para o outro.



A mãe: — Porque não gritaste quando o Mauricio te deu um beijo?
A filha: — Oh! minha mãe, êle ameaçou-me.
A mãe: — Ameaçou-te? Como?
A filha: — Disse-me que se eu gritasse nunca mais me tornaria a beijar.

— Estás pronta, minha querida? — preguntou o marido.

— Estou. Vou já num instante. Falta-me só pôr o chapéu.

— Está bem. Então ainda tenho tempo de fumar um charuto e ler os jornais antes de sairmos.

▪ ▪ ▪

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 27.º número)

▪	▪	N	E	M	▪	B	E	M	▪	▪
▪	S	A	L	▪	▪	▪	R	I	M	▪
L	I	D	O	▪	E	▪	A	M	A	R
E	R	A	▪	R	U	A	▪	O	R	E
I	▪	▪	M	A	T	T	A	▪	▪	I
▪	▪	C	A	D	E	I	R	A	▪	▪
C	▪	▪	C	I	R	R	O	▪	▪	R
A	S	A	▪	O	P	A	▪	A	L	I
L	A	M	A	▪	E	▪	C	L	I	O
▪	L	E	R	▪	▪	▪	R	E	Z	▪
▪	▪	N	A	U	▪	S	E	M	▪	▪

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

SECÇÃO FRANCESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

AUBRY (OCTAVE) — *Le Roman de Napoléon. Bonaparte et Joséphine.* 12 fr.
BARTHEZ (HENRY) — *Cléopâtre la voluptueuse.* 12 fr.
BILLOD-MOREL (A.) — *Les Suédois! les Suédois!* 4 fr.
BONDY (FRANÇOIS DE) — *Les Douces Flèches.* 12 fr.
BONJEAN (FRANÇOIS) et AHMED DEIF — *Histoire d'un enfant du pays d'Egypte. II-El Azhar.* 12 fr.
BOUCHER (EDOUARD) — *Trop laid...* 10 fr.
CHAMPSAUR (FÉLICIEN) — *Le Combat des sexes.* 15 fr.
DERENNES (CHARLES) — *Amours et crimes.* 12 fr.
DUHAMEL (GEORGES) — *Journal de Salaviu.* 12 fr.
DYSSORD (JACQUES) — *Les Faisans.* 10 fr.
FRAPIE (LÉON) — *La divinisée.* 12 fr.
GRAUX (DR. LUCIEN) — *Le Docteur illuminé.* 12 fr.
GREPON (MARGUERITE) — *Lotissement.* 9 fr.
LICHTENBERGER (ANDRÉ) — *Le Cœur de Lolotte.* 10 fr.
POITEAU (EMILE) — *Les Coulisses de l'epopée.* 12 fr.
ROBERTI (JACQUES) — *Maisons de sociétés.* 12 fr.
SUX (ALEJANDRO) — *L'Assassin sentimental.* 12 fr.

POESIA

DERENNES (CHARLES) — *La matinée du faune.* 12 fr.
RICHARD (PIERRE) — *Le poète Zenon-Fiere et ses poèmes posthumes sur Saint-François d'Assise.* 9 fr.

ENSÁIOS E CRÍTICA

CHAMPION (PIERRE) — *Marcel Schwob et son temps.* 15 fr.
FLOTTES (P.) — *La Pensée politique et sociale d'Alfred de Vigny.* 40 fr.
GOBINEAU — *Stendhal.* 12 fr.
MASSIS (HENRI) — *Réflexions sur l'art du roman.* 7 fr. 50.
MAURRAS (CHARLES) — *Lorsque Hugo eut les cent ans.* 15 fr.
NORMANDY (GEORGES) — *Jean Lorrain.* 10 fr.
ROYERE (JEAN) — *Baudelaire mystique de l'amour.* 80 fr.

VIAGENS

MAUCLAIR (CAMILLE) — *La Normandie.* 27 fr.

TEATRO

COCTEAU (JEAN) — *Orphée.* Tragédie en un acte et un intervalle. 10 fr.
ROUSSEL (RAYMOND) — *La Poussière de soleils.* 5 actes et 24 tableaux. 10 fr.

HISTÓRIA

BLOCH (LIEUT.-COL. D. P.) — *La Guerre Chimique.* 6 fr.
FRANGULIS — *La Grèce et la Crise mondiale.* 30 fr.
N... — *Mémoires d'Abd-El-Krim.* 13 fr. 50.
VERHAEREN (PAUL) — *La Belgique sous la domination française.* T. III: *La guerre des paysans.* (1798-1799). 67 fr.

FILOSOFIA E RELIGIÕES

BARUZI (JEAN) — *Philosophes et Savants français du XX siècle.* 20 fr.
BEVAN (E.) — *Stoiciens et Sceptiques.* 12 fr.
BOUCHER (MAURICE) — *La Philosophie de Hermann Keyserling.* 12 fr.
DELACROIX (HENRI) — *Psychologie de l'art.* 50 fr.
HAVELOCH ELLIS — *Studies in the Psychology of Sex.* 6 vol.: 180 fr.
LETELLIER (ALBERT) — *Si le Christ n'a pas vécu?* 12 fr. 50.
RIVIERE JACQUES) — *De la foi.* 10 fr.
SOURIAU (MICHEL) — *Le Jugement réflechissant dans la philosophie critique de Kant.* 20 fr.
SOURIAU (M.) — *La fonction pratique de la finalité.* 20 fr.
VALIN (PIERRE) — *L'Ame en deça et au delà de la mort.*

SCIÊNCIAS PURAS

ANGLAS (J.) — *D' Euclide à Einstein.* 7 fr.
LARTIGUE (ALFRED) — *Psychodynamique générale.* 15 fr.

MEDICINA

JEAN (DR. H.) — *Les Nouveaux traitements des maladies des voies urinaires.* 10 fr.
JAUBERT (DR. L.) — *La cure de Soleil. Pourquoi et comment la pratiquer.* 12 fr.

SECÇÃO INGLESA

LITERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

BENSON (A. C.) — *Basil Netherby.* 6 s. n.
CHAMBERS (ROBERT W.) — *The Manthey hanged.* 7 s. 6 d. n.
CHEYNEY (EDWARD G.) — *Scott Burton's claim* 5 s. n.
GARNETT (DAVID) — *Go she must!* 7 s. 6 d. n.
MACLEOD (AUSTIN) — *The loom of the fool.* 7 s. 6 d n.
MUNROE (KIRK) — *The belt of seven totems.* 7 s. n
REYNOLDS (FRED) — *Love's echo.* 7 s. 6 d. n.
RUEGG (HONOUR JUDGE) — *A staffordshire Knot.* 7 s. 6 d. n.
STODDARD (WILLIAM O) — *The lost gold of the Montezumas: A Story of the Alamo.* 7 s. n.
SYKES (CLAUDE W) — *The nine-point'ed star.* 7 s. 6 d. n.

POESIA

BARNETT (FRANCES MARY) — *Wings on the Water.* 2 s. 6 d.
DAVIES (ERNEST) — *On Armistice Day.* $1.50.

JEAN RICHEPIN

Êste notável poeta, cujos setenta e sete anos ainda batidos por um singular clarão de juvenilidade a morte abateu no mês último de 1926, deixou de si, como escritor, uma memória que não diremos imorredoura mas que tem jus a manter-se viva ainda por muito tempo. Na história da literatura francesa dos nossos dias tem o seu lugar, garantido, pelo menos, pela sonoridade das suas rimas e pelo pitoresco da sua linguagem. Cheia de aventuras a sua vida, tendo sabido o que é a miséria e o que é a fome, alcançou renome, conheceu êxitos de livraria e recebeu por fim a consagração académica. Romântico, dum lirismo desordenado, cantou a vida livre, a vida intensa e também o direito de todos os corações ao amor e à beleza eterna. Em muitos dos seus versos aparece-nos como apóstolo dos párias e dos revoltados, com os quais tanto privou. La Chanson des Gueux, Caresses e Blasphêmes, foram, portanto, a trilogia que melhor define a sua individualidade, embora tivesse escrito muito mais obras, embora, além de poeta, tivesse sido conferencista e dramaturgo.

GOTTSCHALK (LAURA RIDING) — *The close chaplet* 5 s. n.
LIGHTWING (ALAN) — *The moon in the man and other ancies.* 3 s. 6 d. n.
RATCLIFFE (DOROTHY UNA) — *Dale lyrics.* 5 s. n.

TEATRO

NOYERS (ALFRED) — *Robin Hood* (5 actos) — 5 s. n.

ENSÁIOS E CRÍTICA

BAILEY (JOHN) — *Carducci* 2 s. 6 d. n.
MORLEY CHRISTOPHER) — *The Romany stain.* 7 s. 6 d. n.

MEDICINA

COCKER (E. A.) — *What does my baby want?* Health Requirements from before Biath to One Year. 2 s. 6 d. n.
POUCHER (W. A.) — *Eve's Beauty secrets.* (Illustrated). 3 s. 6 d. n.
WALLACE (J. SIM) — *The teeth and health.* 3 s. 6 d. n.

ANTROPOLOGIA

HANKINGS (FRANK H.) — *The Racial Basis of Civilization* 14 s. n

FILOSOFIA

CRUMLEY (THOMAS) — *Logic, deductive and Inductive.* 10 s. n.
HSU (C. Y.) — *The Philosophy of Confucius.* 1 s. 6 d. n.

■ ■ ■

O LIVRO DUM PACIFISTA

Por gentileza do seu autor, mr. H. J. Paintin, foi-nos oferecido o volumoso livro *The League of Nations at the bar of public opinion and the Federation of Man*. As suas 300 páginas fazem a história e a análise das origens da última grande guerra em particular e, em geral, do fenómeno guerreiro, desde que o mundo é mundo. Apóstolo da paz universal, em cujo advento crê, o publicista espera que a fundação da Sociedade das Nações venha servir de esteio ao belo ideal que lhe ilumina o espírito. Um dos pontos mais justos dêste volumoso trabalho, bem digno, pelas suas intenções, de ser divulgado, é o capítulo em que o autor se revolta contra o misticismo guerreiro criado nas mentes infantis pelos compêndios escolares, que, em seu entender, devem ser expurgados de tôda a matéria que excite as rivalidades entre os povos. Os problemas do desarmamento e da limitação dos exércitos, assim como outros que com êles se prendem, são tratados com clareza e conhecimento de causa nesta obra, que Mr. Paintin terminou no dia do 72.º aniversário natalício. Sonho, o que o livro prega? Tudo o que é hoje realidade, foi primeiramente sonho, vago sonho apenas, no cérebro dos homens que, como sr. Paintin, consumiram seus dias na aspiração dum futuro melhor para a humanidade...

■ ■ ■

«LA GACETA LITERARIA» E OUTRAS PUBLICAÇÕES

Recebemos o n.º 1 de «*La Gaceta Literária ibérica, americana, internacional*», que, quinzenalmente, se propõe ser em Espanha o que *Les nouvelles Littératres* são, semanalmente, em França: um divulgador do movimento literário não só da sua pátria como de todo o mundo. Editado em Madrid e dirigido pelo escritor ilustre que é D. E. Giménez Caballero, o novo periódico apresenta se excelentemente colaborado, oferecendo muita leitura informativa e crítica. O seu *comité* de redacção congrega nomes dos mais festejados da literatura espanhola. No artigo de fundo dêste n.º, que é de explanação do programa de *La Gaceta*, o seu autor, D. José Ortega y Gasset, não omite o propósito de estabelecer uma estreita aproximação intelectual com os portugueses. Esta finalidade faz avultar a nossos olhos o mérito da recém-vinda publicação, cuja vida desejamos seja longa e sempre progressiva.

O n.º 2 da *Pologne Litteraire*, mensário que, redigido em francês, se publica em Varsóvia, aplicou a maior parte do seu texto na comemoração dolorosa do primeiro aniversário do passamento de Stefan Zeromski e Wladyslaw Reymont, duas grandes figuras da literatura polaca.

Por intermédio da delegação da *Enit* em Lisboa, continuamos a receber com regularidade a revista, muito bem impressa e ilustrada, *Le Tourisme en Italie*. Esta publicação vai já no ano quinto da sua bela acção de propaganda a favor das paisagens e dos monumentos da terra italiana. A par de sugestivas descrições, que nos despertam o desejo de fazer malas e abalar para essas encantadoras paragens, encontram-se sempre no texto dos fasciculos desta revista preciosas instruções de ordem prática sôbre as viagens recomendadas por ela.

Oxalá em Portugal se tomasse êste caso da *Enit* como modêlo! Deixaria então o turismo de ser entre nós apenas uma débil figura de retórica, para ser uma forte e fecunda realidade.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 22$00	Escudos 44$00	Escudos 88$00
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	» 25$00	» 50$00	» 100$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	» 27$00	» 54$00	» 108$00
ESPANHA	» 24$00	» 48$00	» 96$00
ESTRANGEIRO	» 32$00	» 64$00	» 128$00

Leiam todos

O

MAGAZINE

BERTRAND

LEITURA PARA TODOS

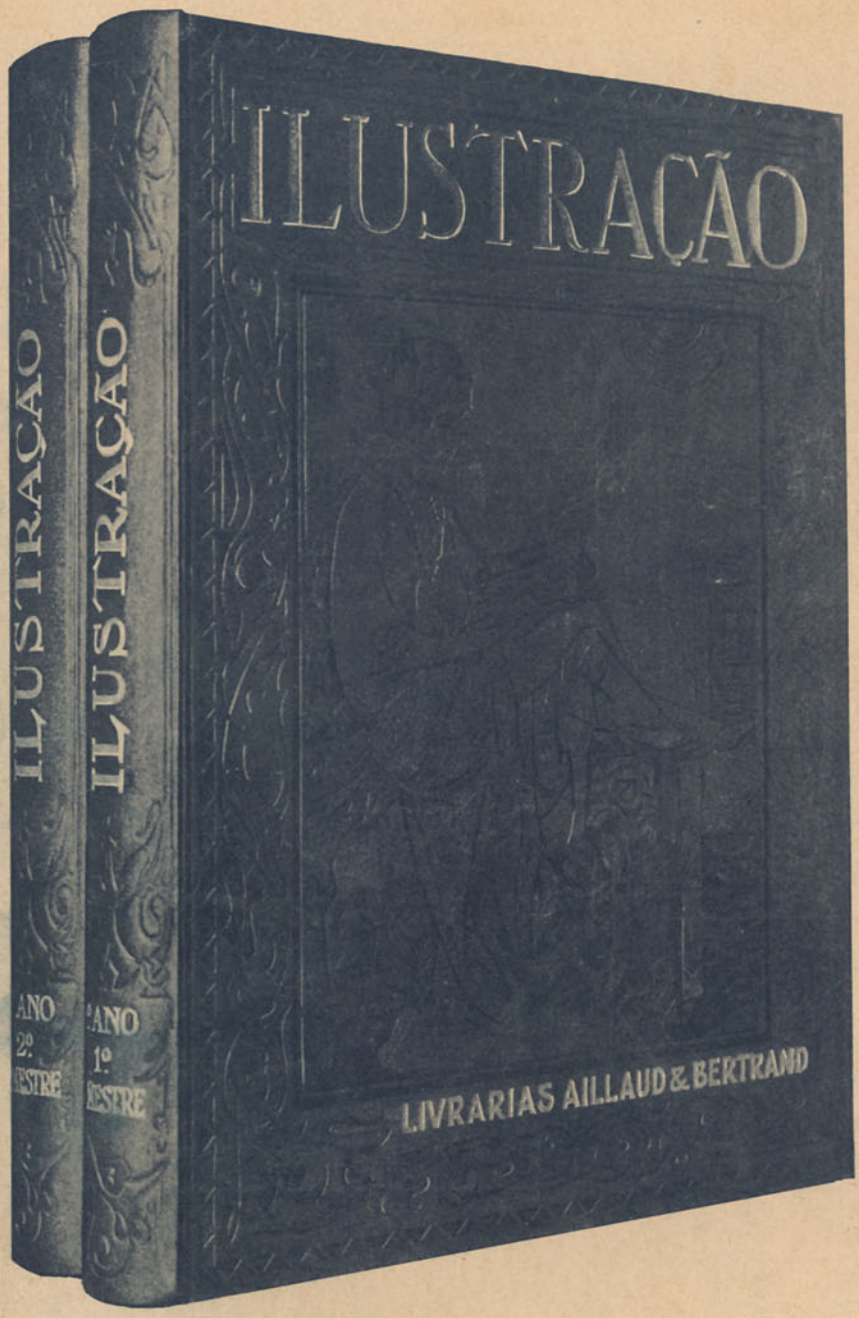
Unico
no seu género
em Portugal

Acaba de publicar-se

O 2.° Número

Capas para Encadernação

DA



1.º ANO

2 VOLUMES

1.º e 2.º Semestres

Cada volume
encadernado

ESC. 28$00

Capa em percalina
com ferros especiais
para cada volume

ESC. 12$00

Capa
e encadernação
(cada volume)

ESC. 20$00

▪ ▪ ▪

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS
AILLAUD
E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Todos os coleccionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar os 2 volumes, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa, os números 1 a 12 para o 1.º volume, e os números 13 a 24 para o 2.º volume.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.